

# REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / NOVEMBRO, 1999 / Nº 2.048

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA  
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17  
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:  
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:  
[feb@febrasil.org.br](mailto:feb@febrasil.org.br)

## **Editorial** – Visão Espírita da Morte

**A Liberdade** – Juvanir Borges de Souza

**Saudade** – Antonio Serra

**Vitória Sobre a Morte** – Joanna de Ângelis

**A Lição de Rosa Ismênia** – Passos Lírio

**Amar os Inimigos** – Robinson Soares Pereira

**Zaqueu e a Caridade** - A. Merci Spada Borges

**Fora da Caridade não Há Salvação** – Paulo

**Mundo de Regeneração** – Gustavo Fróes

**Princípios Morais** – Washington Borges de Souza

**Julio Cezar Grandi Ribeiro** – Antonio Lucena

**A Vidente** – Iaponan Albuquerque da Silva

**Esflorando o Evangelho - Seguir a Verdade** – Emmanuel

**Francisco Cândido Xavier – A Mais Perfeita Antena Psíquica do Século** – Paulo Henrique D. Vieira

**A Lei de Solidariedade entre os Mundos** – Carlos Bernardo Loureiro

**Lily Dale – Uma Assembléia Espiritualista Antecede os Fenômenos de Hydesville**

Yeda Hungria

**O Amor é Contagioso** – Fabiano Possebon

**Questões Acerca da Natureza do Espiritismo – V – As Relações da Ciência Espírita com as Ciências Acadêmicas** – Silvio Seno Chibeni

**A FEB e o Esperanto - Espíritas no Congresso Universal de Esperanto em Berlim**

Ismael de Miranda e Silva

**Família – Fonte de Saúde, Sustentação e Equilíbrio do Ser** – Elaine Curti Ramazzini

**Reflexões Sobre a Morte** – Maria Nazaré C. Laroça

## **Seara Espírita**

**Nota:** “Fatos Espíritas” - o livro que ilustra este mês a nossa capa, de autoria do sábio físico inglês William Crookes - é obra que representa admirável e corajosa contribuição do autor, confirmando toda a fenomenologia espírita de efeitos físicos, obtida por intermédio de grandes médiuns como Kate Fox e Daniel Dunglas Home. Sobrelevam, entretanto, nessa obra, as extraordinárias materializações do Espírito Katie King, através da médium Florence Cook. A leitura desse livro é altamente recomendável a todos os espíritas.

# Editorial

## Visão Espírita da Morte

Neste mês, em que os homens instituíram uma data para reverenciar os mortos, vale a pena lembrar o que ensina a Doutrina Espírita a respeito do que representa a morte.

O fenômeno da morte é visto sob múltiplas formas, dependendo da crença, da descrença ou da certeza que cada criatura humana constrói para si mesma.

Vale dizer que o materialista, o espiritualista e o espiritista têm concepções muito diferentes sobre a vida e sobre a morte.

Para o materialista puro, para quem a vida está inteiramente voltada aos bens e gozos materiais, o corpo físico, enquanto vivo, representa tudo. Morto o corpo, tudo se dissolve no nada.

Os espiritualistas em geral admitem a existência de algo além da expressão física – a alma – que sobrevive após a morte.

A destinação da alma, para as correntes espiritualistas, varia muito, de conformidade com suas doutrinas.

A Doutrina dos Espíritos, essa bênção da Espiritualidade Superior em favor de toda a Humanidade, o Consolador prometido e enviado pelo Cristo de Deus, veio aclarar a tormentosa questão da vida, da morte, da existência e da sobrevivência do Espírito.

Para a Doutrina Espírita, o que se denomina **morte** – o problema maior que tem ocupado o pensamento humano em todos os tempos – faz parte das leis naturais ou divinas, assim como o nascimento.

Nascimento, morte, renascimento são transformações naturais da própria Vida do Espírito imortal, sujeito à evolução natural.

Morte é transformação, não fim.

Por isso, para desmitificar a palavra **morte**, com sua conotação de fim, desaparecimento total, termo, destruição, conotações milenárias que causam tantos sofrimentos, o Espiritismo prefere substituí-la por **desencarnação**, que é justamente a separação do Espírito de seu suporte físico de carne.

Mas como a vida do Ser continua, morrer é renascer, é a volta do Espírito à sua pátria verdadeira.

Morrer, pois, é prosseguir vivendo em outra dimensão vibratória, com os sentimentos adquiridos, com a visão espiritual ampliada, com os amores, as alegrias e saudades do ser, mas também com as imperfeições que não conseguiu superar.

Morte não é o sono eterno, mas, sim, a libertação do Espírito, enquanto não retorna à carne, em nova e laboriosa existência.

Para a Nova Luz, a morte, longe de ser a porta para o nada, é a continuação da vida eterna. Em lugar dos fantasmas teológicos, dos **dogmas** e dos suplícios infernais, ela acena com a esperança, que todos podemos cultivar sem medos. ■

# A Liberdade

JUVANIR BORGES DE SOUZA

O ser humano sente a necessidade da liberdade de pensar e agir como inerente a si mesmo.

Essa inclinação à liberdade decorre da própria natureza do Espírito, criado simples e ignorante, mas dotado de vontade, inteligência, instinto e livre-arbítrio.

É curial que, simples e ignorante, sua liberdade é limitada pela sua condição. Não se pode conceber uma criatura limitada dotada de qualidades sem limites.

À medida que o ser cresce, ampliam-se seus poderes, na mesma proporção.

A liberdade individual aumenta com o crescimento intelectual e moral do Espírito, mas o homem nunca poderá jactar-se de gozar da liberdade absoluta. (“O Livro dos Espíritos”- q. 825).

A melhor forma de conceber-se a liberdade consiste em vinculá-la sempre à responsabilidade que lhe corresponde.

Desde que o homem vive na Terra tem exercitado seu livre-arbítrio, mesmo sem a noção clara do que ele representa.

O homem das eras primitivas e o indivíduo brutalizado e ignorante dos dias atuais jamais deixaram de gozar de certa liberdade, limitada pelo determinismo da lei divina.

Mesmo as múltiplas formas de escravidão jamais conseguiram dominar a liberdade do pensamento íntimo do escravo, “pois que não há como pôr-lhe peias.”

É de grande profundidade o ensino dos Espíritos Superiores, a partir do século passado, quando trataram da Liberdade como lei moral.

Se comparado o que ficou consignado em “O Livro dos Espíritos” a respeito da liberdade de consciência e da liberdade de pensar, com o que ficou consagrado na “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, cerca de um século depois, verifica-se que a idéia espírita influiu e está presente no importante documento das Nações Unidas, para o bem da Humanidade.

Resta buscar-se a conscientização de todas as populações terrestres para a aceitação e a prática de princípios fundamentais, inalienáveis, inerentes à natureza do homem.

\*

O clamor pela liberdade acentua-se na época moderna, após o fim da Idade Medieval, com o Renascimento, o Iluminismo do século XVIII e a Revolução Francesa.

Os séculos XIX e XX foram de lutas e de consolidação em prol das idéias libertadoras.

Usos, costumes, abusos, predominância do mais forte, preconceitos

contra a mulher, ignorância a respeito de sua própria natureza, instituições absolutistas e autocratas predominaram por milênios na vivência do homem na Terra.

Apesar do chamamento das vozes dos grandes missionários de todos os tempos, o cultivo da liberdade, para se firmar, necessitou a necessidade da evolução e do progresso dos conhecimentos e dos sentimentos humanos, para afirmação de uma consciência mais esclarecida.

Somente após consolidadas determinadas conquistas intelectuais e morais, pôde o homem compreender o verdadeiro sentido de apelos como o do filósofo grego – “Homem, conhece-te a ti mesmo” – ou do Cristo – “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

De outro lado, a Terceira Revelação, o Consolador prometido por Jesus, somente poderia ser recebida e firmar-se em um mundo já liberto, pelo menos em parte, do autoritarismo, do absolutismo e do fanatismo autocrático.

Por isso é que o Espiritismo, como idéia e como doutrina consolidada e codificada só veio ao mundo em meados do século das luzes, quando considerável parcela da Humanidade estabeleceu em sua legislação princípios fundamentados na liberdade de pensar e na liberdade de consciência, apesar da oposição sistemática dos opressores políticos e religiosos.

O escravagismo, o absolutismo e o fanatismo, formas de dominação do homem pelo homem, encontraram nos ideais de *liberdade, igualdade e fraternidade* oposições firmes e lúcidas em favor das reformulações nas organizações políticas e sociais.

Esses esforços de libertação, preparados nos dois últimos séculos, dos quais a Doutrina dos Espíritos é um exemplo claro, tendem a espalhar-se no próximo futuro.

Torna-se necessário conduzi-los com equilíbrio e sabedoria para que não haja retrocessos.

A liberdade, esse bem inefável, não deve ser entendida em termos absolutos que ela não comporta, mas com as limitações naturais da responsabilidade, repetimos.

Liberdade absoluta para todos seria o império do caos e dos maus.

À liberdade deve ser entendida em termos de realização do Bem, não do mal.

Ela está vinculada ao determinismo divino no sentido do Bem, da Perfeição, do Amor.

Por isso não se justificam, em nome da liberdade, as transgressões morais de todas as ordens, os crimes, as práticas desagregadoras da família e da sociedade, a irresponsabilidade dos meios de comunicação, e da mídia, o coletivismo opressor, o individualismo irresponsável, enfim, todas as manifestações do mal.

Não se confunde pois, a liberdade, apanágio do homem para a realização do Bem, com a licenciosidade, que a criatura invoca como se fosse liberdade, para pensar e realizar o que bem entende, mesmo que contrário ao estabelecido nas leis de Deus e de César.

O mal é criação dos homens e não dos princípios que eles pretendem encarnar e defender, em nome da liberdade.

\*

**A** Doutrina Espírita está profunda e estreitamente vinculada à liberdade, no sentido que procuramos evidenciar neste pequeno trabalho.

Os espíritas estudiosos convencem-se dessa verdade, que é axiomática.

Na divisão das leis morais os Espíritos Reveladores dedicam um capítulo inteiro à Lei de Liberdade.

Modernamente, a liberdade está na cogitação das massas humanas, dos governos, das organizações e instituições humanas, das religiões, das filosofias.

Mas é preciso segurança no entendimento do que seja liberdade, para não confundi-la com licença para tudo.

A Doutrina nos dá essa segurança, mostrando-nos os erros em torno da natureza e dos objetivos da lei divina da liberdade.

A liberdade é alcançada pelo trabalho digno, pelo amor, pela justiça e pela caridade.

Tanto mais livre será o Espírito quanto mais progredir no conhecimento das verdades eternas e na conquista das virtudes.

O erro é vínculo com a escravidão e com o mal e com tudo que afasta o homem da abnegação e do devotamento aos semelhantes, ou seja, de tudo o que o afasta da justiça, do amor, da caridade, da solidariedade, da fraternidade.

A liberdade, no Movimento Espírita, é a vivência da compreensão mútua por todos, é o auxílio e o apoio recíprocos, no terreno físico ou no moral.

É também a humildade e a ação, o combate permanente à vaidade, ao egotismo, ao personalismo, como preocupação permanente do adepto sincero.

É o respeito à lei divina e às leis humanas para promoção da paz e da concórdia no seio da sociedade.

O Cristo é o libertador de todos os que seguem sua Mensagem e aquele que conquista essa liberdade é digno de gozá-la. ■

# Saudade

À minha mãe

Quantas cidades vi!... Pelas estradas,  
Pensava em ti, de caminho a caminho!...  
Ansiava chegar ao nosso ninho,  
Para beijar-te, enfim, as mãos cansadas...

Voltava ao nosso sítio sem vizinho,  
Onde fazia as minhas traquinadas,  
Sem esquecer-te as preces de carinho,  
Que tenho na memória, resguardadas.

Tudo passou... O tempo corre e avança,  
Apenas teu amor me domina a lembrança...  
Teus canteiros de flores onde estão?

Vives no Alto Além... Estás, porém comigo,  
Quero rever-te em nosso lar antigo,  
Na saudade sem fim do coração!...

ANTONIO SERRA

---

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, através da mediunidade auditiva, na noite de 6 de março de 1997, em culto do Evangelho, em sua residência, na cidade de Uberaba, MG. Transcrito de *O Clarim*, de 15-5-1997.)

# Vitória Sobre a Morte

**E**m todo o Universo, o repouso não existe, já que o movimento incessante é a mola central do seu equilíbrio.

Da mesma forma, todos os fenômenos biológicos se encontram em interminável alteração, através de cujo curso se alternam as moléculas que compõem e desestruturam formas, sem que se extingam.

O aniquilamento é só aparente, porquanto a pobreza dos sentidos materiais impede a sua penetração na complexidade das micropartículas em constante movimentação.

É natural, desse modo, que a morte seja uma realidade no mundo das aparências através de cujo mecanismo a vida estua.

Durante a existência orgânica o Espírito avança a cada momento para o desenlace material, por cujo meio desenvolve todas as aptidões que lhe estão em latência.

É compreensível e necessário que o ser inteligente reserve tempo para a reflexão em torno desse fatalismo inexorável. Postergar a meditação a seu respeito, por medo ou ilusão materialista, oculta imaturidade psicológica que o tempo descaracterizará.

Não será pelo fato de ignorar-se essa realidade que ela deixará de existir. Quanto mais se a analise e a compreenda, melhor para a sua superação, tornando-a parte do comportamento de toda hora.

Conflitos de variada ordem conspiram no indivíduo para que evite pensar na morte, gerando indisfarçável fobia sobre a ocorrência de que ninguém se furtará.

Observando-se a Natureza, facilmente se constata a organização que vige soberana, quando uma forma cede lugar a outra em contínua transformação, mantendo sempre a vida.

Os seres animais e particularmente o humano vivem o processo transformador de maneira significativa, alterando o conjunto e modificando a aparência, experimentando as alternâncias da saúde e da doença, da infância, da juventude, da maturidade e da velhice, até o momento da cessação dos movimentos e a conseqüente desorganização celular.

A morte é um suave meio para se adormecer e logo se despertar, cada qual conforme as condições adquiridas na experiência fisiológica precedente a esse momento.

Em todos os tempos, a morte mereceu cuidados e observações, tornando-se razão importante para o pensamento filosófico que, desejando brindar propostas sobre a vida, buscou-a para melhor elucidar os enigmas existenciais.

As revelações espirituais em momentosas comunicações entre os dois mundos – o material e o transcendente – deixaram marcas indelévels sobre a continuidade do ser espiritual, que arrebataram todos aqueles que privaram do intercâmbio pulsante.

Psicologicamente, a morte parece significar a destruição, o fim, que o ser humano teme como recurso nobre para preservar a jornada física.

Apesar disso, fragilizado e transtornado, não poucas vezes foge pela

falsa passagem do suicídio, em tentativa de apagar a consciência ou de repousar, defrontando-a exuberante, para logo tombar em excruciante alucinação de desespero e frustração...

Ademais, quando a morte passa por um lar, torna-se detestada, por arrebatador o ser louco ou o enfermo querido, ou arrebanhá-lo cruelmente mediante a tragédia de um acidente, de um crime, da hediondez...

Mesmo nesses casos, é a grande libertadora que propõe o descortinar de horizontes felizes ao viajor que, recuperado dos débitos antes contraídos, prepara-se para receber aqueles afetos que virão mais tarde.

A vitória sobre a morte é inevitável, tendo-se em vista o próprio fluxo da vida.

No corpo ou fora dele, o *Eu superior* continua desempenhando papel relevante na sua historiografia iluminativa.

Pensando-se na morte, ao invés de supô-la como devastação e sombra, deve-se considerá-la como harmonia e luz, que são as naturais conseqüências da luta evolutiva.

O silêncio, portanto, aparentemente tétrico, da sepultura, constitui ausência de percepção para captar as vibrações da fonte causal de onde todos os seres procedem.

Para que a vitória sobre a morte se faça plena, convém pensar-se, expressar-se e agir-se com amor, deixando-se na retaguarda, pelos caminhos percorridos, sinais luminíferos que apontarão a meta gloriosa que espera ser alcançada.

Ante a constatação do fenômeno *mortis*, é justo se pense na realidade da vida, avançando com júbilo e sem temor na sua inevitável conquista. ■

JOANNA DE ÂNGELIS

---

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúnica da noite de 16-8-1999, do Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador-BA)

# A Lição de Rosa Ismênia

PASSOS LÍRIO

Naquela tarde fui encontrar Rosa Ismênia em animada palestra com algumas pessoas de sua amizade, que também a visitavam.

A princípio, julguei tratar-se de clientes com quem ela tivesse compromissos de entrega de costuras, pois não raro sacrificava o descanso dominical pelos imperativos de sua profissão de modista, de onde tirava o necessário para um passadio modesto, mas decente, ao lado de D. Leocádia Cintra, sua virtuosa genitora.

Equivoquei-me. Como eu, eram outras visitas, sem dúvida atraídas pelo trato cativante daquelas duas almas bondosas – mãe e filha.

Dia esplêndido! Domingo de setembro, de sol caricioso e temperatura amena. Uma brisa fagueira agitava de leve as flores do jardim, deixando na alma da gente como que ressonâncias de melodias distantes.

Na remansosa vivenda da prendada costureira tudo respirava paz. Pairava pelo recinto um quê de enlevo, algo de evocativo e envolvente. Quem a visse, naquele instante, de semblante sereno, olhar penetrante, jamais poderia suspeitar de que funda crise de dor moral lavrava-lhe o íntimo dalma.

Rosa Ismênia era noiva, havia ano e meio. Ao lado de Rafael Limeira, guapo e digno rapaz a quem se afeiçoara de todo o coração, vinha envidando todos os esforços no sentido da consumação do seu almejado sonho matrimonial.

Dura surpresa, todavia, viera colher-lhe o espírito enleado nos surtos dos seus muito justos e nobres anseios. Rafael adoecera bruscamente e o diagnóstico médico, comprovado pelos exames laboratoriais, detectara a moléstia como sendo tuberculose. E não havia como duvidar, pois eram por demais evidentes os sintomas corroborativos da insidiosa e ingrata doença sobre o precário estado de saúde do moço.

Não obstante, a filha de D. Leocádia Cintra dava as melhores provas de bom ânimo e fortaleza espiritual. Mobilizava todos os recursos ao seu alcance em prol do pronto restabelecimento do noivo. Apelava para quanto lhe acenasse com uma esperança de salvamento.

A conversação, que eu interrompera com a minha chegada, girava precisamente em torno do assunto. Comentavam os visitantes a valorosa atitude da jovem modista, que vinha pondo todo o empenho, sem desfalecimentos, em provar ao eleito do seu coração a firmeza e fidelidade do afeto que lhe votava.

Pontilhando uma alusão direta ao caso, feita por um dos circunstantes, externou-se a respeitável matrona, a anfitriã:

- O que mais me penaliza nessa situação de Rosa Ismênia, é o fato de estar ela se desfazendo de coisa por coisa do seu enxoval, adquirido com tanto carinho e sabe Deus à custa de quanto sacrifício.

Não podendo valer-se estritamente dos proventos colhidos do corte e da costura, com os quais procura atender, quase que sozinha, às despesas de casa, vem vendendo tudo, algumas coisas até com prejuízo, para não deixar Rafael em falta de quanto se lhe faz necessário. Escusado dizer que a relutância deste, em concordar com tão extrema medida, resultou em nada.

A essas palavras, visível mostra de estupefação estampou-se na fisionomia dos presentes.

- Como não ser assim – atalhou a jovem modista -, se a tanto me compelem a razão e o sentimento? Em outros dias, quando cheio de saúde, bem disposto e forte, Limeira era incansável em cumular-me de atenções e alentar-me com as alegrias do seu espírito sempre muito comunicativo e jovial. Hoje, que se encontra em situação amargurosa, não faço mais que bafejá-lo com a aura dos afetos e desvelos com que outrora encheu as horas e os dias de minha vida. Ao demais – prosseguiu a senhorita, dando à voz inflexão de firmeza -, nosso Pai Celestial nunca nos deixa sozinhos nos caminhos da vida: faz sempre vir ao nosso encontro alguém que nos possa estender a mão, em auxílio fraternal.

Assim é que um dia desses, quando em visita a Rafael, com grande surpresa para mim, pediu-me que lhe levasse, na primeira oportunidade, algum livro sobre Espiritismo, em cujo conhecimento está muito interessado.

Antes que lhe pudesse fazer, então, qualquer pergunta a respeito, apressou-se em esclarecer-me que essa solicitação representava o resultado das conversações de um espírito, antigo amigo seu dos tempos de boêmia, agora completamente regenerado.

Ontem, em estando com ele, tive ocasião de ouvi-lo falar de coisas que, segundo me disse, e eu própria notei, enchem-lhe a alma de muita coragem e grande consolação. Garantiu-me, até, que seus habituais temores e sobressaltos foram, em boa hora, completamente substituídos por uma inefável paz de espírito. Agora tem a alentar-lhe o íntimo a crença na imortalidade da alma, plena confiança em Deus e absoluta convicção de que os mortos podem comunicar-se conosco.

Pode isso não ter significação alguma para quem quer que seja, menos para mim que vejo no caso um acontecimento providencial. Pelo menos, posso estar segura de que, doravante, Rafael será um doente resignado e sempre de bom ânimo – concluía Rosa Ismênia, sem afetação.

Uma senhora viúva, muito absorta na conversa, dirigindo-se à interlocutora, diz:

- Em tudo isso, o que mais me chama a atenção é tua conduta excepcional, minha menina. Há nela belo exemplo e grandioso ensinamento. A meu ver, prova que o amor verdadeiro não se detém nas coisas terrenas, de expressão meramente transitória, antes procura perpetuar-se em aquisições de sentido eterno. Põe em evidência que só o espírito de renúncia sabe descobrir as nossas melhores possibilidades de beneficiar os outros e pode valorizar todas as oportunidades que nos são oferecidas para lhes darmos justa e proveitosa aplicação. Desfazendo-te do teu enxoval de casamento do mundo, que, afinal, tudo consome, aprendeste tu mesma e nos ensinaste a todos que podemos começar, aqui também, a tecer um enxoval de outra espécie e de natureza mais delicada, para a vida Além-Túmulo, com os nossos bons exemplos e atos de genuína abnegação. Este, dar-nos-á direito à vestidura da túnica alvinitente, que nos habilita a presença ao banquete de núpcias, de que nos fala o Evangelho do Senhor. Este, sem dúvida, fará parte daquele tesouro que o ladrão não rouba, a traça não rói, a ferrugem e o tempo não logram consumir.

Não era outra minha opinião a respeito e também dos demais componentes do grupo visitante, que davam a garantia de sua aprovação com

ligeiros acenos de cabeça.

Mas, quem não se deslumbraria com a beleza e o valor de uma pérola de tão alto preço? Era bem este o caso da lição que acabávamos de receber na intimidade do lar da jovem modista, de onde saímos radiantes de alegria, após tão aconchegante convívio. ■

# Amar os Inimigos

ROBINSON SOARES PEREIRA

**E**m Mateus (5:43-47), Jesus assevera: “Aprendestes que foi dito: ‘Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos’. Eu, porém, vos digo: ‘Amái os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. – Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?’ ”

Os amigos espirituais, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”<sup>1</sup> dizem que há um equívoco na compreensão do significado da palavra amar. Pois, amar pressupõe confiança e não há prazer igual a estar com uma pessoa simpática e outra antipática.

A lei da física da atração e repulsão nos mostra a naturalidade que envolve as relações humanas pela similitude ou pelo antagonismo das afinidades, pendores, tendências de que é portador cada ser no universo da sua individualidade.

Muito pior do que negar essa realidade é não promover o acerto dessas relações, mantendo-se arraigado ao orgulho que não permite a prática da máxima ensinada por Jesus: “Reconcilia-te com teu adversário enquanto estás a caminho com ele...”<sup>2</sup>

É não entender o *perdão das ofensas* como condição evolutiva, através de uma das maiores virtudes ensinada por Jesus – a Humildade.

É não compreender que o mal que nos fazem é problema daquele que o faz porque o torna infeliz por praticar uma ação infeliz. O pior mal é aquele que fizemos aos outros, porque nos torna homens maus.

É, ainda, não compreendermos a Lei de Justiça que se utiliza de diferentes instrumentos para nos testar. Não devemos nos queixar das provas, tampouco, mas agradecer a Deus por nos ter experimentado. Pois, só assim, poderemos medir o quanto temos avançado na nossa melhora pessoal.

Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, rancor, desejo de vingança; é perdoar-lhes sem pensamentos ocultos o mal que nos causem, é procurar a reconciliação; é, em suma, desejar-lhes o bem e não o mal.

O orgulhoso ainda não compreende que há mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança contra o “agressor”.

O Espírito Emmanuel<sup>3</sup> nos diz: “(...) para o espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, (...)”.

Eurípedes Barsanulfo<sup>4</sup> nos alerta que, através do Evangelho, encontraremos o antídoto eficiente contra a proliferação do mal – o Amor.

Nessa hora de transformação do planeta Terra, torna-se cada vez mais necessária a vontade firme de buscarmos a corrigenda das nossas imperfeições sob a égide do amor de Deus, na mensagem evangélica de Jesus, para que possamos, de fato, amar sem restrições, sectarismos, preconceitos e todos os entraves aos nossos vãos mais altos na direção do Pai. ■

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo* 111. Ed. FEB, cap. XII, item 3. P. 198.
2. Idem, ibidem. Cap. X, item 5, p. 170.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel, 8, ed.: FEB, p. 193.
4. FRANCO, Divaldo Pereira. *Sementes de Vida Eterna*. Diversos Autores.

# Zaqueu e a Caridade

A. MERCI SPADA BORGES

As oliveiras emolduravam as estradas, de tempos em tempos os viandantes se detinham para o descanso necessário sob as sombras de árvores frondosas. Jesus, ao lado de seus discípulos, não se detinha, o tempo urgia, era preciso prosseguir sem delongas. De aldeia em aldeia, de cidade em cidade, o Mestre levava ao povo a Boa-Nova. Seu nome transpunha fronteiras, e as criaturas aflitas buscavam o Rabi que curava aleijados, leprosos, obsidiados; que balsamizava as feridas da alma e plenificava o coração de esperanças.

Certa feita, ao entrar em Jericó, o chefe dos publicanos – conhecido por Zaqueu, portador de grande riqueza – desejou conhecer Jesus. Era a oportunidade que esperava. A multidão o seguia por onde passava e Zaqueu, por ser um homem de pequena estatura, não conseguia vislumbrar o famoso Rabi. Viu mais adiante uma figueira brava, não vacilou, correu e subiu na árvore. Jesus, ao aproximar-se, olhou para cima e:

*“- Zaqueu, desce depressa porque hoje me convém pousar em tua casa”.*

A alegria tomou conta do coração de Zaqueu. O Mestre chamou-o pelo nome, com certeza já o conhecia. Apressou-se e recebeu Jesus com gosto.

A multidão não se continha e murmurava: - Vejam, Ele entrou em casa de um homem como Zaqueu, um pecador!

A casa de Zaqueu estava em festa, a emoção o envolvia, com certeza um sentimento profundo de mudança dominou-o, e assim dirigiu-se ao Senhor:

*“- Eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado”.*

Não foi por acaso que Jesus o chamou pelo nome, já o conhecia, sabia que sua alma era passível de transformação, era o momento da regeneração daquele Espírito.

E o Mestre:

*“- Hoje veio a salvação a esta casa; pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”.*

Zaqueu era chefe dos publicanos. Quem eram? Eram os homens públicos responsáveis pela cobrança de impostos escorchantes; muitos enriqueciam às custas da miséria alheia.

Para o povo, Zaqueu era um algoz da sociedade, não possuía virtudes, porém, desconhecia a sua força de vontade, a sua capacidade de transformação. Mas o Mestre sabia, Ele sim, conhecia e conhece, cada uma de suas ovelhas.

Zaqueu esforçou-se, buscou Jesus; apesar da pequena estatura, subiu à figueira brava, destacou-se da multidão, cresceu aos olhos do divino Pastor. Não por ter subido à árvore, mas por já estar predisposto à transformação. Bastava apenas o chamamento, o convite. E ele o atendeu. Rico de bens materiais acordou para a aquisição dos bens espirituais. Era o momento. Propôs a divisão de seus bens materiais com os mais necessitados. Não ofertou uma pequena migalha do que lhe sobrava. Não! Ofertou uma divisão justa, de igual para igual, a metade de seus bens. E muito mais que isso, propôs reparar as injustiças que por ventura tivesse feito, restituindo o quádruplo, isto é, com

juros.

Zaqueu subiu!

Enquanto a multidão permanecia no chão das misérias morais, ele ouvia Jesus:

“- *Hoje veio a salvação a esta casa (...) Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido*”.

*Abençoada caridade, gesto dos que aprendem a amar.*

*“A caridade é a base, a pedra angular de todo edifício social”.*

É, pois, uma faculdade que nasce do coração e se irradia pelo pensamento, concretizando-se nas palavras e nos gestos.

Não havendo caridade, não há fraternidade, o amor se estiola, o entendimento se desfaz, não há paz entre os homens, as nações desestruturaram-se.

Todo ministério de Jesus se fundamentou na Caridade.

Suas lições e seus exemplos não se perderam no tempo como acontece com as coisas efêmeras. Não, pelo contrário, venceram todas as perseguições e empecilhos, atravessaram os séculos e se uniram num corpo de doutrina. Codificado por Allan Kardec, o Espiritismo ou Doutrina dos Espíritos redivive a Boa-Nova, onde todos os deveres do homem sintetizam-se nesta máxima: **Fora da Caridade não há Salvação**

São Paulo compreendeu tão profundamente esta Verdade contida nos ensinamentos do Mestre que a expressou na Primeira Epístola aos Coríntios.

Até os tempos atuais, não se conhece outra definição de caridade mais completa e consubstanciada no Evangelho de Jesus. Toda ela é um poema de amor a Deus e aos semelhantes:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria. (...)

A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (...).

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três mas a maior destas é a caridade”.

A caridade é espontânea, natural, silenciosa e pode ser exercitada em qualquer circunstância. Mesmo assim, quantos a confundem com a esmola!

A esmola se apresenta com as vestimentas da filantropia. É quase sempre feita com estardalhaço, com ostentação.

A caridade é humilde, não depende de posses nem de classe social. É realizada no anonimato de tal forma “ *que a mão esquerda não perceba o que a direita faz*”.

Qualquer ser humano, rico ou pobre, pode praticá-la, não só em atos, mas também em pensamentos e em palavras.

Um pensamento elevado, quanto bem realiza! Um a prece por um doente,

por um obsidiado, por um acidentado, irradia uma fonte abençoada de energias salutares.

Quanta paz experimenta um pensamento liberto da inveja, da cobiça!

Quanta desgraça evita um pensamento que não suspeita mal de ninguém, que não malícia!

As palavras carregam magnetismo de superior ou inferior qualidade, de acordo com a vontade do emissor, assim, uma palavra de conforto, de esperança, quanta alegria pode ofertar.

Uma palavra equilibrada, sem os matizes do azedume, sem a tormenta dos palavrões, afasta qualquer agressão. A ausência da intriga e da maledicência só pode tornar um ambiente de trabalho melhor; um círculo de afetividade construtiva. A palavra ponderada pode salvar uma nação!

A caridade manifestada em ações pode representar o teto seguro em meio à tempestade. Alimentar e vestir um irmão necessitado, medicar um doente, levantar um caído... quão grande bem representa um gesto de compreensão ou de carinho àqueles que passam pela provação. Um sorriso, um aperto de mão, uma visita, um telefonema para os velhinhos esquecidos.

A caridade é um gesto de amor que qualquer um pode exercitar. No entanto, há muita carência sobre a Terra! No lar, na sociedade, e – pasmem – até nas instituições de caridade!

Por quê? Provavelmente, estão se preocupando com bases e doações materiais, esquecidos de que, sem as doações morais a caridade não sobrevive.

A Caridade moral impõe sacrifício, renúncia e sobretudo transformação interior. Então, vai sendo adiada e, com isso, lançada nos porões do esquecimento. Até quando? Até o homem compenetrar-se de que “ *a caridade moral consiste em suportamos uns aos outros*”.

Enquanto o homem não se compenetrar de que, sem a verdadeira caridade não haverá concórdia, não haverá entendimento e conseqüentemente felicidade, a dor prosseguirá devastando os seus dias e suas noites continuarão plenas de pesadelos:

*“A caridade é a base, a pedra angular de todo edifício social”.*

É de cada um a vontade, o esforço, o livre-arbítrio para tornar-se um novo Zaqueu, para viver Jesus e destacar-se da multidão... ■

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. LUCAS, 19: 1-10.
2. KARDEC, Allan. *Viagem Espírita*. Ed. O Clarim.
3. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Ed. FEB.
4. PAULO, I Epístola aos Coríntios 13: 1-13.
5. SCHUBERT, Suely Caldas. *O Semeador de Estrelas*, ed. Alvorada.

# Fora da Caridade Não Há Salvação

**M**eus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. (...) – *Paulo*, o apóstolo. (Paris, 1860.)

---

(“O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, capítulo XV, item 10, 115. Ed. FEB).

# Mundo de Regeneração

GUSTAVO FRÓES

Não importa adotarmos o calendário gregoriano ou o hebraico e nem avaliarmos as teorias que afirmam que já ultrapassamos a barreira do terceiro milênio: o Mundo de Regeneração não chegará em um estalar de dedos ou passe de mágica. Nenhum acontecimento fabuloso e marcante determinará a chegada dos novos tempos, conforme a expectativa dos menos avisados. Basta observarmos a história do Planeta para percebermos que todas as transições pelas quais passamos se deram de forma natural e progressiva, sem prejuízo dos objetivos colimados.

Bons exemplos destas transformações podem ser encontrados no livro “A Caminho da Luz” do Espírito Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier, editado pela FEB. De forma clara e precisa, o querido benfeitor nos traz informes sobre várias épocas e vários fatos importantes da jornada evolutiva do nosso orbe. Como na atual fase, todas as transformações podem ser percebidas claramente, compostas de diversos fatos ocorridos em determinado espaço de tempo. De acordo com a importância e a profundidade da ocorrência o espaço temporal equivaleu-se, ou seja, o tempo sempre foi proporcional à necessidade da completa realização do fato, sendo, portanto, natural que o mesmo ocorra no presente acontecimento.

É necessário que atentemos para o fato de que muitas das realizações previstas para o terceiro milênio irão concretizar-se somente daqui a alguns séculos e, mesmo, algumas talvez só aconteçam em sua última década.

Outrossim, ressaltam aos mais atentos fatos notáveis que apontam claramente a nova direção evolutiva do Planeta. Alguns acontecimentos que preparam a Humanidade para o terceiro milênio já vêm ocorrendo há alguns séculos, como no caso das revoluções filosófica e religiosa, assim como o transplante da Árvore do Evangelho, conforme relato do Espírito Humberto de Campos no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB). Fato importante foi a chegada do Consolador, prometido por Jesus, que necessitava de tempo para bem fundamentar as suas bases e, no decorrer do terceiro milênio, determinar o irreversível avanço moral do espírito. O despertar, recente, da consciência ecológica é sinal da chegada de Espíritos de escol entre nós, preparando o início da grande tarefa regenerativa.

Como sabemos que a aquisição de valores morais passa, inevitavelmente, pelo período, nem sempre curto, da assimilação através do estudo e da experimentação, estamos cientes de que a definitiva transformação do homem pela conquista e conseqüente vivência de novos valores é lenta e progressiva, levando algumas centenas de anos para atingir a toda Humanidade.

A Espiritualidade Superior vem nos alertando, através de médiuns íntegros e responsáveis, para a real transformação do Mundo pelo processo reencarnatório de Espíritos valorosos em substituição aos réprobos e recalcitrantes no mal que desencarnam e são encaminhados a mundos mais adequados ao seu estado evolutivo. Pela forma mais natural possível se dará a modificação do padrão evolutivo da Terra, propiciando às entidades superiores

um melhor acesso às mentes encarnadas e conseqüente direcionamento mais elevado aos ideais humanos, com o definitivo afastamento das piores seqüelas morais da face do Planeta.

Como “sinal dos tempos” estão sendo evidenciados fatos terríveis pelos alarmistas de plantão. Terremotos, enchentes, furacões, tempestades e desastres horrendos com funestas conseqüências vêm vitimando um número de pessoas nunca antes alcançado na história da Humanidade. Em todos os pontos do Planeta o desastre e a discórdia vêm provocando desencarnações coletivas tremendas, vitimando, muitas vezes, milhares de pessoas aparentemente inocentes. O sofrimento e o medo do “fim do mundo” têm se alastrado entre os mais inseguros e ignorantes, chegando-se a afirmativas e previsões estapafúrdias, só compatíveis com a mais absoluta insensatez.

Que se identifique nesses desastres o serviço de “limpeza” executado pelas forças superiores, em atendimento às necessidades regenerativas do Planeta, está correto, mas, também, é necessário observarmos o cumprimento da lei de causa e efeito, à qual estão submetidos todos os envolvidos nestes cometimentos. Seria preciso um estudo caso a caso para avaliarmos a justeza da aplicação da lei. Mas, um detalhe de suma importância salta aos olhos de todos e, quase sempre, é totalmente ignorado pelos alarmistas: sobrevivem muitas pessoas em quase todos os casos, algumas totalmente ilesas. São os que nada têm a ver com aqueles débitos do grupo desencarnante e são protegidos pela Espiritualidade para a continuidade da sua jornada, no atendimento ao processo evolutivo. Quanto aos casos em que a desencarnação não pode ser evitada, remetamo-nos ao Capítulo Terceiro da Terceira Parte de “O Livro dos Espíritos”, que trata da Lei de Destruição, em sua pergunta 738-b, quando os Espíritos respondem a Kardec: “Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suporta-los sem murmurar”.\*

Convém ressaltar que a necessidade de depuração moral da Terra exig e, no atual momento, a presença encarnada dos maiores devedores para que a justiça se faça cumprir, concedendo-lhes uma última oportunidade de reabilitação, antes de serem encaminhados a outros mundos, mais acordes com suas condições vibratórias. Tal presença, maciça, desequilibra em certos pontos a atividade costumeira do Planeta, provocando o escândalo e o espanto dos demais encarnados, que se deixam envolver em temores e insegurança.

Em função do crescimento populacional, principalmente, e do progresso material que tirou o homem das cabanas e o levou para os altos prédios de concreto, os flagelos, que sempre ocorreram, tornaram-se mais destruidores ainda e mais notórios em razão da modernidade dos meios de comunicação. Pergunta-se: Quanto tempo terá levado o povo da China para saber da destruição da cidade de Pompéia? E todo o continente americano, cuja história só é mais clara a partir do século XV e onde hoje vive uma grande parcela da população mundial, por quantos cataclismos passou antes disso? Se nos lembrarmos de que os modernos veículos de transporte, responsáveis por milhares de desastres, são de invenção recente, estaremos entendendo que a imprecisão do período de adaptação é natural e passageira e que, em futuro não muito distante, tais acidentes serão evitados como conseqüência óbvia do progresso.

Em tudo isso, evidenciam-se os sinais positivos da reforma, da mudança e do progresso, tanto moral como material, deixando antever um mundo mais

equilibrado, habitado por seres mais evoluídos. Seres capazes de enfrentar a grandiosa tarefa de regeneração do nosso orbe.

A derrubada das barreiras entre os povos, a quebra dos grilhões que sufocavam a liberdade, a vitória sobre os preconceitos de todos os matizes e a emancipação feminina, colocando a mulher na justa posição de parceira do homem, são os últimos resquícios da batalha para vencer o “mundo velho” e preparar o solo onde germinará o Mundo de Regeneração, onde apenas habitarão os Espíritos preparados para o trabalho justo e profícuo, escoimados na fraternidade e no bem comum, livres de imperfeições mesquinhas e em busca do aprimoramento pelo esforço e pela razão. Acima de tudo, amigos de Jesus e operários cientes da grandeza de Sua obra.

O Mundo de Regeneração não é um paraíso ou um mundo de perfeição: é um local de trabalho, responsabilidade, e até mesmo sacrifício na causa do bem comum. Muitos dos Espíritos que se destinam a este mundo têm para com ele uma dívida de trabalho e reconstituição, pelos males que outrora lhe causaram.

Concluindo, destacamos a atual situação do Planeta, onde os reais problemas não estão circunscritos a países ou civilizações. A questão do progresso moral é comum a todos os povos, respeitadas as características regionais, que poucas diferenças atingem. Se uns cometem excessos na liberdade, o radicalismo também conduz a extremos perigosos. O grau de ignorância é proporcional à sabedoria de cada povo, sendo, portanto, muito próximos os extremos. Muito mais séria é a situação física do Planeta, onde as condições de habitabilidade foram aviltadas pelo homem no afã egoístico da posse e do enriquecimento a todo o custo, primando pela irresponsabilidade com o meio ambiente. O buraco na camada de ozônio, a chuva ácida no continente europeu, a devastação das florestas, as queimadas irresponsáveis, a poluição descontrolada, principalmente de rios e lagoas, são situações alarmantes de difícil recuperação que só poderão ser enfrentadas por Espíritos fortes e determinados, forjados nas oficinas do Bem e preparados à luz do esclarecimento haurido nas práticas contínuas do Evangelho, submissos a Jesus, o grande construtor do orbe terrestre e seu governador espiritual.

Este é o Mundo de Regeneração, onde só haverá lugar para os que, embora fracos e imperfeitos, se decidam a empunhar a bandeira do progresso e da determinação no Bem. ■

---

\* Recomendamos a leitura das questões de número 737 a 741 de “O Livro dos Espíritos” sobre *Flagelos Destruidores*.

# Princípios Morais

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

Filosofia e moral são expressões de ampla abrangência e de variada significação. Filosofia, em síntese, é a ciência geral dos seres, dos princípios e das causas, enquanto que moral é a sua parte que trata dos costumes, deveres e modo de proceder dos homens com os outros homens ou consigo mesmos.

Os princípios morais e éticos são aprimorados através dos tempos à medida que a Humanidade progride, e este é um processo inexorável. O progresso intelectual e material, entretanto, acentua-se, enquanto que o aperfeiçoamento moral não o acompanha de perto, distanciando-se o homem de seus reais interesses, ou seja, dos valores sadios do ser eterno, da alma. A pessoa se volta, preferentemente, para os prazeres de natureza física e para as conquistas de bens materiais. Esse procedimento é o que melhor caracteriza a Terra como planeta de provas e expiações e que faz aqui predominarem o mal e as paixões inferiores. A Humanidade terrena, para conquistar melhor situação na hierarquia universal, terá que observar os postulados naturais do amor, força criadora da vida e dos mundos disseminados no infinito.

A sociedade humana, para se justificar, não pode se valer de sua ignorância dos preceitos naturais que regem a vida e tudo que existe, eis que há quase dois milênios a Divina Providência enviou-nos Jesus que nos legou o mais perfeito ordenamento ético e moral contendo as verdades eternas capazes de nos conduzirem à felicidade e à perfeição. Sua Doutrina é toda fundamentada nas leis de amor.

O Espiritismo tem como essência a Doutrina Cristã, por isso que é a continuação, a complementação explícita dessa dádiva divina. Está sempre presente em tudo que conduz ao progresso geral e à evolução do ser humano, corpo e alma, em particular. Aprova, assim, todas as iniciativas da Ciência formal no sentido de aprimorar, intelectual e moralmente, a pessoa humana. Todavia, não pode endossar a acentuada tendência de fazer do homem o indivíduo preferencialmente intelectualizado. Empenha-se a Doutrina Espírita em enfatizar a necessidade primacial de educar a criatura com base nos ensinamentos de Jesus, esclarecendo que a educação, em sentido amplo, é o caminho para a felicidade. Instrução, sem moralidade, aproxima a criatura humana da materialidade da vida e a afasta de Deus. O aperfeiçoamento moral é imprescindível ao destino ditoso. É sempre mais proveitoso e valioso educar do que simplesmente instruir. Via de regra, as pessoas educadas são mais venturosas do que aquelas apenas instruídas.

A ciência de viver nos induz aos gestos de respeito e de ajuda aos semelhantes. Nenhum de nós desfruta de qualquer privilégio perante Deus a não ser o decorrente de termos sido criados por Ele, o que nos dá a condição de irmãos. Por isso mesmo, as leis naturais constituem permanente convite para amar e servir o próximo. A vida é um dom divino a nos encaminhar para a perfeição. Sentimento fraterno e ação no bem são poderosas alavancas de progresso.

Espírita é o adepto da Doutrina Espírita, o seguidor dos postulados do Consolador. É, portanto, o que procura ser fiel a ele, acatar seus princípios, suas recomendações, absorver os esclarecimentos que proporciona, uma de

suas principais características.

O espírita tem, pois, duas responsabilidades essenciais; esclarecer-se e praticar os ensinamentos que lhe são ofertados pela misericórdia Divina. Ocorre, todavia, que alguns participantes do Movimento Espírita não observam, devidamente, tais lições. Uns se dedicam exclusivamente ao intercâmbio com o mundo espiritual, relegando o estudo a plano secundário, quando não o abandonam inteiramente. Outros se limitam a se iluminarem com as luzes da verdade que a Doutrina esparge. Ambos procedimentos são, portanto, incompletos perante a magnitude que ela exprime. Assim agindo, embora possam colher proveitos, não adiantam a própria evolução. Esquecem que o estudo clareia a via do destino mas é a prática do bem, da caridade, do amor ao próximo que impulsiona a alma para o progresso infinito. Amor e luz não podem se dissociar na criatura humana para que ela venha a progredir.

A sabedoria e as leis de Deus nos ensinam a não observar apenas as chagas alheias mas a nos aproximarmos delas para procurar suavizar as dores na medida das nossas possibilidades, mesmo sabendo que “há males que estão nos decretos da providência” como nos esclarece a resposta dada à questão 532 de “O Livro dos Espíritos”.

A ninguém compete apontar as feridas dos semelhantes, sejam do corpo ou da alma, sem buscar pensá-las. A candeia a que se reportou Jesus deve iluminar o caminho, mas incumbe a cada um de nós percorrê-lo para atingir nosso destino. O percurso é longo e penoso mas a suprema Bondade nos dá os meios eficazes para transpor obstáculos e facilitar a caminhada. Retardar ou adiantar a jornada é responsabilidade nossa.

O infalível meio de não errar a direção é querer sempre o bem do semelhante. Quando remanescer alguma dúvida basta que nos imaginemos em seu lugar, e não nos enganemos antes de praticar nossas ações.

Os princípios morais que orientam o aperfeiçoamento do ser humano dispõem que não basta a abstenção da prática do mal, é necessário o exercício do bem.

Nenhuma pessoa consciente pode se manter insensível diante do sofrimento do semelhante, indiferente à criança indefesa e faminta, sem que responda por essas atitudes com a conseqüente reparação imposta pelas leis que governam e direcionam a vida.

A norma fundamental da reencarnação do Espírito é o instrumento divino mediante o qual se alcança a perfeição, que significa a pureza dos princípios morais e o domínio dos conhecimentos. Antepõe-se a essa regra divina o entendimento enganoso segundo o qual a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo físico e ao perecer este, ela irá habitar um novo mundo: céu ou inferno. Tal concepção atenta contra a razão pura, a sabedoria e a justiça das leis naturais. Essa maneira de pensar contradiz a própria existência da alma. Se a alma habita um corpo encarna nesse corpo, por que não pode voltar a encarnar em outro a ser criado? Para onde iriam tantas almas desencarnadas, a permanecerem eternamente com suas conquistas, com o gravame das faltas cometidas, dos vícios vividos, crimes perpetrados, sem meios de reparação? Deus não obra em inutilidade! Não haveria lógica.

Perdura dúvida para se apontar quais os que estão mais distanciados da verdade, os que crêem na unicidade da vida encarnada do Espírito ou aqueles que não concebem a existência de Deus ou a da própria alma. ■

# Julio Cezar Grandi Ribeiro

ANTÔNIO LUCENA

**M**édiuM de excelentes qualidades, de psicografia, psicofonia, pictografia, cura, etc. Espírita praticante desde a juventude, foi trabalhador denodado, humilde, que sabia esconder seus serviços, jamais os propalando.

Julio Cezar Grandi Ribeiro regressou à Espiritualidade, em Serra, região da Grande Vitória, ES, no dia 12 de agosto de 1999. Diabético, foi internado no Hospital Metropolitano, onde ocorreu o passamento. O sepultamento de seu corpo foi no Cemitério Jardim da Paz, no bairro de Laranjeiras, com grande acompanhamento de confrades e principalmente de criaturas pobres que ele sempre socorreu.

Nasceu na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, no dia 12 de maio de 1935; contava 64 anos de idade. Filho de Caudionor Ribeiro e D. Hercília Grandi Ribeiro. Formou-se em Engenharia, e exercia o Magistério, como Professor Universitário. Era solteiro.

Seus pais eram católicos e ele tomou conhecimento do Espiritismo em 1952, aos 17 anos de idade, com o desabrochar das suas faculdades mediúnicas. Associou-se à “Casa Espírita Cristã”, onde prestou significativos serviços, tanto mediúnicos, como a assistência aos necessitados. Recebia consoladoras mensagens de Amigos Espirituais, e produziu também lindas poesias e poemas de fundo moral no melhor estilo.

Numa reunião acontecida na USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro -, ele e Maria de Lourdes da Silva (carinhosamente chamada de Tia Lulu), médium da Casa Espírita Cristã, psicografaram um poema com diversas estrofes. Enquanto ela psicografava uma, o Julinho, como era chamado, psicografava a seguinte. No final, o poema estava completo, sem sofrer solução de continuidade. Os assuntos se enquadravam sem faltar sequer uma vírgula.

.....  
Ultimamente, Julinho freqüentava o Complexo Educacional Cristão – “Instituto Allan Kardec”-, onde prestou relevantes serviços, tanto na área educacional como na Doutrina Espírita propriamente dita.

Deixou os seguintes livros psicografados, de diversos autores espirituais: “Isto vos Mando”, “Irthes e Irthes”, “Jornada de Amor”, “Presença Jovem” e “Seara da Esperança”, todos publicados pela Editora Pedis, situada no Estado do Espírito Santo. O Amigo Espiritual de Julinho era Estêvão.

Se o nosso mui querido irmão e amigo Ramiro Gama estivesse ainda entre nós, por certo aproveitaria da fecunda vida de Julio Cezar Grandi Ribeiro, para escrever um livro de “Lindos Casos”, pois em sua humildade e ingenuidade quase infantil, foi uma alma de escol no trabalho com Jesus. ■

---

(Transcrito do SEI, nº 1640, de 4-9 -99.)

# A Vidente

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Raul perambulava pelas ruas do modesto bairro onde morava, espairecendo um pouco. Era um rapaz de hábitos morigerados, não muito expansivo; entretanto, apesar desse feitio, conseguia fazer, graças à sua educação e boas maneiras, bom número de amizades.

Naquele dia, porém, a passo firme e quase apressado, dirigira-se a um local mais afastado de sua residência.

Era sábado, e fazia um dia de sol ameno, secundado por fresca viração.

Raul andava e pensava. Si m, pensava muito em probleminhas, desses que todos temos amiúde e que se lhe afiguravam maiores e piores que quaisquer outros, devido à sua natureza impressionável, agravada pela falta de cultura espiritualista.

Por causa desses problemas foi que resolveu dar aquela esticada nas pernas, assim longe de casa. Afinal de contas, queria resolver a sós seus casos íntimos e seria muito inconveniente encontrar algum amigo que o surpreendesse por aquelas bandas, obrigando-o a justificar-se por sua presença ali.

Duas coisas o preocupavam seriamente: a recusa do patrão em atender-lhe o pedido de aumento e o retraimento da namorada, que já não lhe correspondia, com o mesmo fervor de outrora.

la ele caminhando distraidamente, mergulhado em seus pensamentos, quando um garoto lhe entregou, marotamente, um folheto de propaganda. Apenas por desfastio, resolveu ler aquela mensagem, que começava a amarfancar entre os dedos. Pôs-se a lê-lo, embora de começo tenha estranhado o texto: “V. S<sup>a</sup> tem algum embaraço na vida? Enredo com parentes ou conhecidos? Está desanimado sobre a sua saúde? Precisa de algum emprego para melhor atender a problema de familiares? Seu casamento está sendo difícil de realizar? Pois tudo isto será resolvido em uma só consulta. Procure Mme. Olga, espírita vidente. Consultas a Cr\$ 5,00. Endereço...” (adiante ia tudo bem explicado).

Ao terminar a leitura, o coração de Raul descompassou. Estava ali o caminho indicado, a resposta certa às suas dúvidas. Bem que acreditava nessa estória de cartomante, quiromancia, etc. Tratava-se de gente que via coisas que os outros não viam, que sabia de coisas que os outros não sabiam, que podia dizer coisas que os outros não podiam. Pronto! Atracaria o barco de sua vida naquela “marina” segura. Não mais ventos encapelados ou borrasca à vista!

Sem, mais delongas, voltou à residência, trocou de roupa e, em breve, eilo se defrontando com tal “vidente”. Esta, após receber do incauto rapaz, adiantadamente, o valor da “consulta”, entrou em “transe”. Arregalou os olhos, balançou várias vezes a cabeça, pigarreou, chiou, fez sinais cabalísticos, e, após essas encenações, terminou dando-lhe “conselhos”.

No auge do entusiasmo, Raul regressara a casa, apaziguado consigo mesmo, todo eufórico, tão persuadido estava de haver encontrado a chave para a solução de seus problemas. Mal adormeceu àquela noite, começou a sonhar... No sonho, *um* anjo (assim lhe pareceu devido à sua aparência e a luminosidade de suas vestes) lhe apareceu e disse:- “Caro jovem, não confundas a sagrada

Doutrina dos Espíritos com o que viste e ouviste em casa de nossa infeliz e desajustada irmã! Trata-se de pobre coitada a explorar a credulidade de criaturas incautas e ingênuas como tu, que preferem toda sorte de facilidades e vantagens ao mínimo esforço no sentido de sua melhora nos campos material e espiritual. Melhor seria que todos vivessem retamente e esperassem serenamente do Alto a resposta do Senhor. Após sorrir, com extrema simpatia, concluiu dizendo: - Amanhã, Raul, bem cedinho compra o jornal de tua predileção e terás uma surpresa”.

Em atenção a palavra do mensageiro, o jovem logo cedo comprou a folha matutina e pôs-se a ler com sofreguidão seu noticiário, sempre pródigo em reportagens sensacionalistas e “furos” do mesmo gênero.

Entre muitas outras notícias locais, deparou-se com esta: “Foi presa, ontem, em sua residência, situada no subúrbio, como impostora e exploradora da credibilidade pública, conhecida cartomante, que fazia da adivinhação meio de vida, dizendo-se espírita para os leigos, esquecida de que, se o fosse, *daria de graça o que de graça recebeu*, e não faria do seu dom isca para atrair descuidados e simplórios consulentes”.

Nosso jovem personagem, após a leitura, dobrou o jornal, levou a mão à frente e meditou no significado daquele noticiário. Recapitulou, mentalmente, o que ouvira da “vidente” e concluiu que, sendo ela, pobre coitada, cega de espírito, interesseira e mistificadora, não podia ter condições de saber, com exatidão, de coisa alguma sobre a vida de ninguém, pois, caso contrário, teria sabido que naquele mesmo dia, horas depois, seria presa para curtir no cárcere a desilusão de que não tinha o conhecimento nem de seu próprio destino, quanto mais do dos outros.

Raul arrematou suas reflexões, dizendo de si para si mesmo: a melhor adivinhação é aquela que nos leva a descobrir quem somos e quem poderemos vir a ser, com o aproveitamento do tempo, pelas bênçãos do trabalho. ■

# Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

## Seguir a Verdade

“Antes, seguindo a verdade em caridade, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” - *Paulo*. (Efésios, 4;15)

Porque a verdade participa igualmente da condição relativa, inúmeros pensadores enveredam pelo negativismo absoluto, convertendo o materialismo em zona de extrema perturbação intelectual.

Como interpretar a verdade, se ela parece tão esquiva aos métodos de apreciação comum?

Alardeando superioridade, o cientista oficioso assevera que o real não vai além das formas organizadas, à maneira do fanático que só admite revelação divina no círculo dos dogmas que abraça.

Paulo no entanto, oferece indicação proveitosa aos que desejam penetrar o domínio do mais alto conhecimento.

É necessário seguir a verdade em caridade, sem o propósito de encarcerá-la na gaiola da definição limitada.

Convertamos em amor os ensinamentos nobres recebidos. Verdade somada com caridade apresenta o progresso espiritual por resultante do esforço. Sem que atendamos semelhante imperativo, seremos surpreendidos por vigorosos obstáculos no caminho da sublimação. Necessitamos crescer em tudo o que a experiência nos ofereça de útil e belo para a eternidade, com o Cristo, mas não conseguiremos a realização, sem transformarmos, diariamente, a pequena parcela de verdade possuída por nós, em amor aos semelhantes.

A compreensão pede realidade, tanto quanto a realidade pede compreensão.

Sejamos, pois, verdadeiros, mas sejamos bons. ■

---

(Do livro “Pão Nosso”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 146, p. 303-304, 18 ed. FEB)

# Francisco Cândido Xavier – A Mais Perfeita Antena Psíquica do Século

PAULO HENRIQUE D. VIEIRA

**F**rancisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, pequena cidade de Minas Gerais a 50 quilômetros de Belo Horizonte, em 2 de abril de 1910. Filho de João Cândido Xavier e Maria João de Deus, ficou órfão de mãe aos cinco anos de idade. Teve uma infância difícil, precisando ajudar na criação de oito irmãos e trabalhar desde cedo para auxiliar nas despesas domésticas, desempenhando entre outras atividades a de servente de cozinha, tecelão em uma fábrica e caixeiro de armazém.

Desde os quatro anos de idade o menino Chico começa a perceber a manifestação dos Espíritos: conversava com a mãe desencarnada, ouvia vozes confortadoras, era auxiliado na escola pelos amigos espirituais.

Sua família, de formação católica, no início não encarou com naturalidade as singulares faculdades do menino. Seu pai chegou mesmo a crer que seu filho havia sido trocado por outro e as pessoas da cidade afirmavam que ele tinha parte com o Diabo, além de ser tachado de mentiroso por afirmar ver os Espíritos e de louco por ser visto falando sozinho.

Depois da desencarnação de sua mãe, seu pai se viu obrigado a espalhar os filhos nas casas de parentes e amigos, e Chico foi morar com a madrinha Dona Rita de Cássia, mais conhecida por Dona Ritinha. A partir de então começaria seu sofrimento físico e moral. A madrinha possuía um gênio forte e agia rudemente com qualquer pessoa que lhe desagradasse. Tinha crises nervosas diárias e quase sempre descontava no menino.

Quando se via só, Chico corria para o fundo do quintal, onde, debaixo de uma bananeira, começava a orar e então lhe aparecia sua mãe exortando-o a tratar sua madrinha bem e a cumprir os deveres cristãos, porquanto em breve surgiria um anjo bom em sua vida. Dois anos mais tarde a profecia de sua mãe se realizaria, quando seu pai contrai novas núpcias, com Dona Cidália Batista, que pediu ao marido que trouxesse para o novo lar os filhos do seu primeiro casamento, assumindo o compromisso de educá-los e deles cuidar com o máximo carinho possível, como se fossem seus próprios filhos.

Apesar dos sofrimentos morais e das dificuldades financeiras, o garoto ia crescendo, conservando uma personalidade meiga e pura, sendo incapaz de uma palavra obscena, de um gesto de desobediência.

Em maio de 1927, quando contava dezessete anos de idade, ocorreu um fato que abalou toda a sua família. Uma de suas irmãs, Maria Xavier Pena, começou a apresentar sintomas de perturbação mental. Seu pai, desesperado, procurou o amigo José Hermínio Perácio, residente com a esposa Dona Carmen Pena Perácio e família na fazenda Maquiné, situada no município de Curvelo, distante cerca de cem quilômetros de Pedro Leopoldo. Eram conhecidos espíritas, e o Sr. João Cândido lhes pediu ajuda em face do grave estado de saúde em que se encontrava sua filha, sendo prontamente atendido. Examinando o caso, o Sr. José Hermínio levou-a para a fazenda, iniciando ali, com a ajuda dos protetores espirituais, o tratamento do processo obsessivo que a vitimara. Obtendo sensíveis melhoras, aos poucos a jovem foi se sentindo liberta de tão terrível enfermidade espiritual.

Na segunda quinzena de junho, para a alegria de seus familiares, o casal levou-a de volta a Pedro Leopoldo completamente curada. Nesta ocasião manifestaram o desejo de fundar um centro espírita na cidade, com o objetivo de divulgar o Evangelho. Convidaram Chico a participar das reuniões, tão logo o formassem.

No dia 21 de junho de 1927, em uma sala emprestada, na residência de Dona Josepha Barbosa Chaves, na rua São Sebastião, deu-se a inauguração do ainda hoje existente Centro Espírita Luiz Gonzaga, posteriormente com sede própria.

Alegre com a cura da irmã, Chico começou a freqüentá-lo, orientado por aquele casal que o presenteou com dois livros: “O Evangelho segundo o Espiritismo” e “O Livro dos Espíritos”.

À 8 de julho de 1927, em sessão pública que se realizava no recém-fundado Centro Espírita Luiz Gonzaga, Dona Carmem Pena Perácio ouviu quando um amigo espiritual lhe disse que orientasse aquele jovem, dando-lhe lápis e papel, a fim de experimentar a psicografia.

Transmitido o pedido, Chico logo se colocou em meditação, começando o lápis a correr por sobre o papel em grande velocidade, numa psicografia intuitiva e semimecânica.

Naquela noite memorável, os Espíritos deram início ao belo trabalho de desdobramento da história do Espiritismo, marcando a fase dos grandes ditados mediúnicos que consolidariam o aspecto evangélico da Doutrina Espírita. Dezesete folhas de papel foram preenchidas celeremente, discorrendo acerca de deveres do espírita-cristão.

Sobre esta ocasião, Chico Xavier falaria:

“Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração. As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembléia de entidades amigas me fitavam com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer.”

Em 1931, vê pela primeira vez o Espírito Emmanuel, que seria seu mentor espiritual pelo resto da vida. Num diálogo com o médium, o mesmo lhe dá duas orientações básicas para o êxito da missão que teria de desempenhar.

Emmanuel pergunta:

- “Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus?”

- Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem... – respondeu o médium.

- Não será você desamparado – disse-lhe Emmanuel -, mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.

- E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? – tornou o Chico.

- Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o serviço...

Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou:

- Qual o primeiro?

A resposta veio firme:

- Disciplina.

- E o segundo?

- Disciplina.

- E o terceiro?

- Disciplina.”

A segunda mais importante orientação de Emmanuel seria assim lembrada por Chico Xavier:

- “Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e, disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo”.

Em uma noite de agosto de 1931, com 21 anos de idade, regressando do trabalho de caixeiro na casa do Sr. Felizardo Sobrinho, ao fazer suas preces habituais, Chico terminou a psicografia de um amontoado de poesias, recebidas de dezenas de poetas, dos mais conhecidos e variados estilos, e em julho de 1932 vem a lume pela Federação Espírita Brasileira seu primeiro livro – “Parnaso de Além-Túmulo”.

O Livro provoca grande polêmica nos meios literários, por parte dos mais renomados escritores e poetas do Brasil como: Humberto de Campos (ainda vivo na época), Agrippino Grieco, que era conhecido por ser um severo crítico literário de renome nacional, o poeta gaúcho Zeferino Brasil, célebre jornalista do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, que assim se pronunciaria em sua crônica dominical: “Desconheço os fenômenos, mas reconheço os estilos: isto espanta-me, mas encanta-me”. E com o passar do tempo vários “Imortais” deram seus pareceres favoráveis sobre a autenticidade das poesias e o estilo de quem as escreveu.

Prefaciando “Parnaso de Além-Túmulo”, escreveu Manuel Quintão: “Romantismo, Condorerismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência dos seus intérpretes. É ler Casimiro e reviver *Primaveras*; é recitar Castro Alves e sentir *Espumas flutuantes*; é declamar Junqueiro e lembrar a *Morte de D. João*; é frasear Augusto dos Anjos e evocar *Eu*.”

Em 1933, contando 23 anos de idade, simultaneamente com o emprego de caixeiro, passou a trabalhar na Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura, onde, graças aos seus esforços, tornou-se mais tarde um respeitável escriturário, aposentando-se quase trinta anos depois.

Após a repercussão de “Parnaso de Além-Túmulo”, o então já famoso médium Chico Xavier prosseguiu em suas atividades mediúnicas no Centro

Espírita Luiz Gonzaga, também se dedicando a amplos trabalhos assistenciais em prol dos sofredores e necessitados.

Em 1937, a Federação Espírita Brasileira lançaria mais um livro psicografado por Chico: “Crônicas de Além-Túmulo”, que para surpresa de todos havia sido ditado pelo Espírito do famoso cronista e poeta Humberto Campos.

Novamente ocorreu um impacto, porém maior que o de “Parnaso de Além-Túmulo”; a repercussão no meio literário foi enorme, provocando mais tarde um processo movido pela viúva do escritor e seus filhos, acusando o médium de assinar indevidamente o nome de seu marido, exigindo indenização e sustação de novas edições da Federação Espírita Brasileira, em citação feita ao seu presidente no dia 31 de julho de 1944. Na época, o assunto causou enorme controvérsia, ocupando por um bom espaço de tempo as manchetes dos principais jornais do País, ficando a imprensa dividida.

Na ação declaratória, proposta perante o MM. Juiz da 8<sup>a</sup> Vara Cível do Rio de Janeiro, a viúva, Dona Catharina Vergolino de Campos, alegou que “em condomínio com seus filhos Lourdes, Henrique e Humberto é titular dos direitos autorais oriundos da vasta e brilhante obra literária produzida por seu falecido marido”.

Em 23 de agosto de 1944, por sentença do Dr. João Frederico Mourão Russell, Juiz de Direito em exercício na 8<sup>a</sup> Vara Cível do antigo Distrito Federal, a Autora D. Catharina Vergolino de Campos foi julgada carecedora da ação proposta, tendo ela recorrido dessa sentença ao Tribunal de Apelação do antigo Distrito Federal, que a manteve por seus jurídicos fundamentos, tendo sido relator o Ministro Álvaro Moutinho Ribeiro da Cosa. Finalmente no dia 3 de novembro de 1944, a justiça absolveu o médium.

A partir de então o Espírito Humberto de Campos passaria a assinar sob o pseudônimo de “Irmão X” em suas futuras obras mediúnicas.

Superado o episódio “Humberto de Campos”, Chico Xavier inauguraria a fase de uma grande série de romances psicografados como: “Há 2000 Anos...”, “50 Anos Depois”, “Ave, Cristo!”, “Paulo e Estêvão”, todos de autoria de seu mentor Emmanuel.

A série André Luiz representaria um marco, cujos livros trariam uma descrição detalhada no tocante à vida depois da morte, confirmando obras anteriores como as de Swedenborg, A. Jackson Davis, Cahagnet, do reverendo G. Vale Owen, entre outras. “Nosso Lar” se transformaria num *best seller* da literatura espírita, chegando a vender mais de um milhão de exemplares!

O Dr. Hernani Guimarães Andrade, um dos mais brilhantes estudiosos do Espiritismo, principalmente no seu aspecto científico, sendo respeitado internacionalmente pelo seu trabalho de pesquisa de fenômenos paranormais e casos sugestivos de reencarnação, respaldados por abundante documentação coletada e constante dos arquivos do IBPP – Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – escreveria sobre a obra de André Luiz:

“Como simpatizante da linha científica do Espiritismo, considero a maior contribuição deste século, obtida por via mediúnica, para a solução do problema da natureza do homem, hoje tão focalizada pela parapsicologia. Fica aqui consignada, a título de registro e endossada por mim, a seguinte previsão: - As Obras de André, psicografadas por Francisco Cândido Xavier, serão, futuramente, objeto de estudo sério e efetivo nas maiores universidades do mundo, e consideradas como a mais perfeita informação acerca da natureza do

homem e da sua vida após a morte". \*

Há muitas décadas Francisco Cândido Xavier é considerado o maior médium do mundo, não só pela sua extraordinária capacidade mediúnica mas também por aliar suas faculdades medianímicas à moral cristã, numa combinação admirável.

Embora seja a psicografia seu dom mediúnico mais conhecido, também possui as mediunidades psicofônica, clarividente, clariaudiente, receitista, entre outras.

Nos seus mais de 400 livros psicografados, abrangendo os mais diversos assuntos, entre poesias, romances, contos, crônicas, ciência, filosofia, religião e literatura infantil, da autoria de mais de 572 Espíritos, alcançando uma vendagem de mais de vinte milhões de exemplares, o médium nunca auferiu vantagem de qualquer espécie, doando os direitos autorais de suas produções mediúnicas a várias Instituições e Editoras Espíritas, num exemplo admirável de retidão da prática mediúnica e desprendimento dos bens terrenos.

Várias de suas obras foram traduzidas e publicadas em inglês, francês, italiano, espanhol, esperanto, japonês, grego, etc., sendo algumas delas adaptadas para peças de teatro, radionovelas e novelas televisivas. Tendo concluído apenas o curso primário, é um homem simples e humilde, caracterizado por ilibada moral, irradiando para todos que o procuram a mais singela simpatia.

No decorrer de sua existência, ofertou dias e noites em prol de seus semelhantes, em detrimento da própria saúde. Problemas orgânicos acompanharam-no durante toda a vida, jamais desanimando-o ou levando-o a descumprir seu mandato mediúnico.

Sempre silenciou diante dos apodos e críticas que recebeu dos detratores do Espiritismo através da imprensa, respondendo unicamente com seu incansável trabalho em favor dos necessitados.

Ricos e pobres, velhos e crianças, homens e mulheres de todas as classes sociais vêem em Francisco Cândido Xavier um exemplo de vida e amor aos seres humanos.

Neste ano em que completou 89 anos de vida, dos quais 72 de serviços prestados à Humanidade, registramos um pouco da história deste grande trabalhador da seara de Jesus e fiel discípulo de Allan Kardec e a mais perfeita antena psíquica do século. ■

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Traços Biográficos*– FEB Internet.
2. SILVA, Luciano Napoleão da Costa. *Nosso Amigo Chico Xavier*, Editora Napoleão Ltda. – 3. Ed. De outubro de 1980.

---

\* Da Apresentação do livro *Prontuário de André Luiz*, de autoria de Ney da Silva Pinheiro. Edição do Instituto de Difusão Espírita © 1988.

# A Lei de Solidariedade entre os Mundos

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Após os tumultos geológicos por que passou a Terra, e quando o Sol lançava sua benfazeja e fecundante luz sobre sua face marcada pelas cicatrizes de hecatombes gigantescas, nascia a vida planetária sob a forma de protoplasma. A partir desse momento, iniciava-se o lento e sacrificial processo de desenvolvimento das espécies, orientado pelos planos espirituais elevados. O protoplasma seria o núcleo central de onde dimanariam todos os seres.

Em princípio, as células albuminóides, as amebas e outras organizações celulares que se multiplicavam, incessantemente, aos impulsos generosos dos gênios tutelares da organogênese terrestre. Houve, depois, profundas mutações, não capituladas nas concepções de De Vries, que ocorreram anônimas e silenciosas sobre a crosta terrestre. Muito mais tarde, surgiram os antropóides, que se disseminaram pela superfície do Planeta, constituindo-se, a pouco e pouco, nos primeiros grupamentos étnicos que viriam estabelecer raças continentais com seus caracteres definidos.

Informa Emmanuel (“A Caminho da Luz”, 24. Ed. FEB, p. 31-32):

“Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a frente dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações”.

Complementa André Luiz (“Evolução em Dois Mundos”, 3. Ed. FEB, p. 35):

“(…) razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra”.

Todavia, enquanto o homem lutava para galgar estádios melhorados na escala da evolução, os Espíritos Construtores providenciavam a vinda, ao Orbe terrestre, de multidões de Espíritos, do sistema Capela:

“Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedades e virtudes (...)”.

“As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua (...)”. – Emmanuel (Obra citada.)

Punha-se em prática, pois, a “**Lei de Solidariedade entre os Mundos**”, que coordena o progresso dos Espíritos e das Humanidades.

Desse modo, Espíritos com vastos progressos intelectuais e culturais (como, no caso, os capelinos), mas de limitada consciência moral, foram inseridos no seio das coletividades terrenas, criando, assim, tipos biologicamente mais evoluídos, por mutação natural, dada a qualidade mais aprimorada do psicossoma dos recém-chegados, como também suscitando técnicas novas e se estruturando a civilização.

Os autóctones se beneficiaram com as novas conquistas enquanto os alienígenas, sob o guante de dispositivos cármicos, adquiriram a postura mental de que careciam.

A transmigração dessas criaturas para a Terra ocasionou notável progresso, ensejando o surgimento de grupamentos étnicos organizados que deram origem às grandes civilizações que legaram, às porvindouras, formidável patrimônio filosófico, político e religioso.

Daqueles remotos tempos aos nossos dias, o homem escreveu a sua história, feia de lutas e sacrifício, sofrimento e heroísmo.

Contudo, a maioria não aprendeu a **Grande Lição do Mestre Jesus: a de Amor a Deus e ao Próximo**, preferindo voltar-se para os valores que instituiu segundo sua percepção distorcida da vida e o seu significado.

Ensina Emmanuel (obra citada, p. 212):

“Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinqüentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade”.

E continua o esclarecido Espírito (p. 215):

“Vive-se, agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos”. (...)

Entretanto, finaliza:

“(...) depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para sua marcha gloriosa no ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.”

▪

# Lily Dale – Uma Assembléia Espiritualista Antecede os Fenômenos de Hydesville

YEDA HUNGRIA

Quando falamos em fenômenos psíquicos nos Estados Unidos, em seus primórdios, lembramos, de imediato, dos ocorridos em Hydesville, com as irmãs Fox, em 1848. Contudo, pesquisas por nós realizadas na Sociedade Histórica de Lily Dale, no Estado de Nova York, em maio passado, revelam outra realidade.

Tudo começou no ano de 1844 \*.

Na pequena aldeia de Laona, próximo a Lily Dale, o Dr. Moran, emérito magnetizador de Vermont, foi convidado a proferir palestras para diversos interessados.

O Sr. Jeremiah Carter, debilitado fisicamente, procurou o Dr. Moran que, entretanto, já havia partido.

Penalizado, o grupo decidiu aplicar no Sr. Carter as experiências demonstradas pelo magnetizador. Subitamente, o próprio enfermo entrou em transe e uma entidade, o Dr. Hedges, transmitiu mensagens de outros Espíritos e técnicas de cura pela imposição das mãos. Os resultados foram notáveis.

Animado com o sucesso, o grupo passou a reunir-se regularmente para discutir idéias, exercitar a mediunidade e efetuar curas. Importantes oradores e médiuns ali se iniciaram.

A repercussão dos fenômenos de Hydesville reforçou a proposta do núcleo, levando-o a fundar a Primeira Sociedade Espiritualista de Laona.

Expandiram-se as atividades com o crescimento da Sociedade. O Sr. Carter, atendendo instruções dos Espíritos, estabeleceu novo local capaz de acomodar os frequentadores, que, ainda assim, se tornaria pequeno.

Em 1879, a Sociedade adquiriu 20 acres de terra próximo à Laona e mudou o nome para Associação Livre do lago Cassadaga. Posteriormente, seria Cidade da Luz e, finalmente, a partir de 1906, Assembléia de Lily Dale (Lírio do Vale), em virtude da abundância dessa flor às margens do lago, que banha o povoado.

A primeira reunião foi realizada sob um caramanchão florido com toscas toras de madeira como bancos.

Foram construídos um auditório para 120 pessoas, biblioteca, prédio para estudos e práticas de telepatia e uma escola que mais tarde viria a ser a Casa dos Médiuns. O Templo de Curas foi erguido por um dos mais eminentes médiuns, Louis Vosburg, que muito contribuiu para os objetivos de Lily Dale. A instituição edificou também um hotel, conhecido como o “prédio inclinado”, hoje, Hotel Maplewood, que oferece belíssima vista para o lago, onde patos e cisnes deslizam suavemente...

Em 1888, o governo americano instalou uma agência postal, figurando Lily Dale no mapa do País.

Naquele mesmo ano, a Assembléia de Lily Dale inaugurava seu próprio jornal - Girassol -, sob a editoração de William Bach.

Em 1916, o Sr. Benjamin Bartlett, da Pensilvânia, faria desmontar

cuidadosamente a casa das irmãs Fox, em Hydesville, e a reconstruiria em Lily Dale, presenteando aquela Assembléia com a memória do local de tantos efeitos físicos.

Lamentavelmente, em uma manhã de 1955, a construção de madeira incendiou-se. Salvaram-se, apenas, a arca do falecido Charles Rosma, conhecida como “baú do mascate”, uma Bíblia e alguns documentos da família Fox.

O vendedor Rosma fora assassinado naquela casa pelo casal Bell, e, em seguida, sepultado com os pertences no porão. Mais tarde, em 1848, o Espírito Rosma revelou o crime aos novos moradores – a família Fox – por intermédio da mediunidade das meninas Kate e Margareth Fox.

Escavado o local, posteriormente, foram encontrados ossos e o baú do morto, atestando a veracidade da comunicação.

O episódio teve grande repercussão na imprensa.

Consultando os registros da época, entrevistando fontes qualificadas da Sociedade História de Lily Dale, constatamos, então, que anteriormente às conhecidas manifestações de Hydesville, os Espíritos produziam, em Laona, mensagens, instruções e curas em um grupo espiritualista bastante organizado.

## **LILY DALE HOJE**

Cerca de 30 mil visitantes atravessam, anualmente, no verão, os portões da Assembléia de Lily Dale. Buscam principalmente conforto pela perda de entes queridos ou orientação para suas dificuldades.

O local ocupa cerca de 160 acres, banhados por um grande lago.

Alamedas arborizadas, jardins floridos e bem cuidados, a quietude moldam a psicofera de intensa paz e de convite à elevação.

A população residente é constituída de cem famílias e o candidato a morador deve comprovar a condição de espiritualista.

A Biblioteca Marion Skidmore instalada em uma tenda nos idos de 1886 e construída em 1904 possui grande acervo das mais importantes publicações espiritualistas, além de obras raras afins.

O Museu de Lily Dale preserva a memória do Moderno Espiritualismo americano. Lá estão expostos o baú de Charles Rosma, uma Bíblia e documentos da família Fox, a maquete de sua casa, lousas utilizadas pelos Espíritos para escrita direta, produções dos Espíritos retratando as figuras de Abraham Lincoln e de Napoleão Bonaparte, com material desconhecido, semelhante a pólen, uma corneta para produzir fenômenos de voz direta, jornais da época divulgando fenômenos psíquicos ocorridos em território americano, entre outras preciosidades que repousam em suas vitrines. A mostra também perpetua e homenageia o denodo e a saga abençoada daqueles valorosos pioneiros do Espiritualismo.

## **O IDEÁRIO DA ASSEMBLÉIA DE LILY DALE**

A Assembléia de Lily Dale é uma instituição ecumênica, reconhecida pelas leis americanas. Define o Espiritualismo como uma religião, porque “se esforça por compreender as leis físicas e espirituais da Natureza, que são as

leis de Deus”.

Entende que o Espiritualismo objetiva ensinar as verdades expressas em sua Declaração de Princípios: instruir e divulgar a ciência, filosofia e religião do Moderno Espiritualismo, promover a cura espiritual, incentivar instrutores espiritualistas e médiuns em suas atividades. Declara que a morte não existe, que o Homem é um ser espiritual em um corpo físico.

A Assembléia de Lily Dale vive verdadeiramente as propostas originais, conforme estabelecidas na Declaração de Princípios da Associação Nacional de Igrejas Espiritualistas dos Estados Unidos, da qual é membro.

Tais Princípios estabelecem a crença em uma Inteligência Infinita, na imortalidade da alma, na comunicação com os chamados “mortos”, na vivência da máxima de “fazer ao próximo aquilo que gostaríamos nos fizessem”, na obediência às leis divinas, na necessidade de reforma moral, no reconhecimento de que as profecias e curas contidas na Bíblia são características divinas demonstradas pela ação mediúnica.

Tais definições, objetivos e princípios do Moderno Espiritualismo americano são bastante especiais e mais amplos do que poderíamos imaginar.

Há muitos pontos em comum com o Espiritismo, contudo, a Declaração de Princípios omite dois postulados básicos da Doutrina Espírita – a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados. Fica o registro. ■

---

\* É bom lembrar que na casa da família Fox, antes de ela habitá-la, em 11-12-1847, pancadas, ruídos e vozes misteriosas se fizeram ouvir com antigos moradores, como os Bells (1844-1846) e os Weekmans (1846-1847). Segundo a Sra. Emma Hardinge Britten, toda essa fenomenologia ali principiou em fins de 1844. - *Nota da Redação.*

# O Amor é Contagioso

FABIANO POSSEBON

“Um médico não tem o direito de acabar a refeição, nem de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto, quando um aflito qualquer lhe bate à porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro; o que, sobretudo, pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro – esse não é médico – é negociante de Medicina, que trabalha para recolher capital e juro dos gastos da formatura”. *Dr. Bezerra de Menezes*

Há algum tempo tive um fim de semana maravilhoso. No sábado assisti a uma conferência sobre a vida e a obra do Dr. Bezerra de Menezes e no domingo assisti a um filme sobre a história verídica de um médico americano – Hunter “Patch” Adams. Que coincidência!

Emocionei-me com as duas, ambas levaram-me às lágrimas.

Primeiramente, vou falar um pouco sobre o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, médico, jornalista, escritor, orador e político, nasceu em Riacho do Sangue, Ceará, em 1831. Foi chamado de o “Médico dos Pobres”, foi membro titular da Academia Imperial de Medicina, preparou os “Anais” no período de 1859-1861. Dedicou-se ao jornalismo e foi deputado, fundou a Companhia Estrada de Ferro Macaé a Campos. Após sua conversão ao Espiritismo em 1886, foi Presidente e Vice várias vezes da Federação Espírita Brasileira. Escreveu numerosos trabalhos. Dele li somente “A Loucura sob o Novo Prisma”. Desencarnou em 1900.

Sua vida deixa-me emocionado, é uma vida dedicada ao próximo. Estudou Medicina com muita dificuldade, precisava ler em bibliotecas, comprar livros em sebos, dava aulas particulares para custear os estudos.

Quando médico, foi um exemplo de trabalhador dedicado, abnegado.

Geralmente, seus clientes eram gente pobre, recebia-os sempre com simpatia, com amor. Como muitos não podiam pagar, ele dava-lhes dinheiro para as despesas como alimentação e remédios.

Certa vez, uma senhora confessou-lhe que não possuía dinheiro para os medicamentos; ele remexeu em seus bolsos, infelizmente também não tinha nada, olhou para suas mãos, tirou o anel de formatura e deu à mulher. Que pessoa, atualmente, faria isso? Poucas, não é mesmo? Imaginem só – um anel de formatura!

Em determinada ocasião, quando ia tomar um ônibus, um cliente seu pediu-lhe dinheiro para as despesas. Ele deu tudo o que tinha no bolso, depois lembrou-se de que não havia ficado com mais nada para pagar o transporte e foi obrigado a voltar a pé para casa.

Depois que se tornou espírita, foi um exímio orador, um palestrante inflamado, de arrebatador multidões. Nunca mais parou de escrever para a imprensa espiritista.

Certa feita, um homem caminhava próximo à Federação Espírita Brasileira e reparou que alguém fazia uma conferência, imaginou que o salão estivesse repleto, resolveu entrar para verificar. E qual não foi a surpresa! E

pensar que o Dr. Bezerra estava falando para ninguém! O homem sentou-se, esperou o término, logo após dirigiu-lhe a palavra nos seguintes termos: “Por favor, estou cheio de problemas em casa, o Senhor poderia ajudar-me?” Dr. Bezerra assim se expressou: “Meu amigo, só posso dar-lhe um abraço, leve meu abraço também para seus familiares”. O homem, de tempos em tempos, voltava lá em busca de um abraço.

\*

**E** sobre o filme “O Amor é Contagioso” (achei lindo este título, o amor, às vezes, é uma doença, mas uma doença saudável, é um paradoxo, mas é verdade), por que me emocionou tanto:

Hunter “Patch” Adams vivia triste, solitário, não parava em emprego algum, resolveu suicidar-se, depois desistiu. Internou-se em um hospital psiquiátrico, o psiquiatra conversava com ele sem olhar-lhe no rosto. Como seu companheiro de quarto tinha alucinações, começou a sentir compaixão por ele, ajudá-lo a enfrentar os problemas.

Saiu de lá, resolveu estudar Medicina. Não se conformou com o fato de que somente aos terceiro-anistas era permitido fazer visitas aos doentes. Não obedeceu esta ordem, ia escondido, levava uma palavra amiga, cantava, fazia brincadeiras, sorria, questionava as pessoas.

Claro está que os pacientes sentem-se desamparados e desesperados, dependentes e cheios de ressentimentos. A dor é sempre agravada por esses estados emocionais. Às vezes, a pessoa não está solicitando apenas medicamentos, mas sim alívio para uma série de padecimentos diversos – tanto emocionais quanto físicos, decorrentes ou não da moléstia. O simples convite para que o cliente participe da sua cura poderá resultar em alívio.

Patch levava-lhes tudo isso: amor, alegria, vontade de viver, coragem.

Ele fazia comentários amáveis, puxava conversa com os doentes, questionava sobre o sentimento deles.

Sabemos que isto ajuda muito, há experiências que o comprovam, o paciente precisa sentir que o médico se interessa por ele, que sente carinho. O alívio, muita vez, decorre exclusivamente da compreensão emocional por parte do facultativo.

É incrível como muitos terapeutas continuam ignorando isso, continuam desconhecendo os princípios psicossomáticos.

A meu ver, o grande papel do médico é fazer com que a atenção do cliente seja voltada para os problemas pessoais, levando-o a identificá-los e tolerá-los. Muitos “doutores” ficam fixados somente nos sintomas, jamais pesquisam o interior do paciente, jamais questionam sobre seu cotidiano, sobre sua visão da vida, seus problemas internos. Só os sintomas físicos é que têm valor para eles. Esses “doutores”, que só enxergam o lado físico de tudo, um dia terão que abandonar suas idéias. O conhecimento do Espiritismo os ajudará bastante.

Patch Adams não fazia nada disso, muito pelo contrário. Assim começou a ser mal visto pela reitoria, começaram a persegui-lo. E pensar que Adams tinha tanta vontade de ajudar o próximo, de ser médico, era seu grande sonho!

O reitor medíocre não conseguia enxergar seus bons propósitos, estava cego. Não podia aceitar as “idéias revolucionárias” do nosso personagem. É o velho problema de quem “acorda” os que dormem. Expulsam-no para que não

lhes perturbe o sono... Assim, queriam fazer com o pobre Adams, queriam arrumar um motivo para expulsá-lo da Faculdade.

Lembramo-nos aqui do “cego de nascença” que teve a visão devolvida por Jesus. Ele também foi expulso do Templo, porque a nova realidade estava incomodando muita gente. Da mesma maneira eram os médicos daquela Faculdade e daquele Hospital, até mesmo alguns colegas do nosso infeliz rapaz.

Patch Adams foi humilhado, perseguido. Mas, felizmente, saiu vitorioso, conseguiu formar-se, criar seu próprio hospital e colocar em prática suas idéias tão boas. Muita gente tornou-se seu seguidor. Ele deu o nome de “Gesundheit” (“Saúde”, em alemão) à sua Casa de Tratamento.

Dr. Bezerra e Patch Adams, que bom que existem pessoas como vocês, nem tudo está perdido, quanto exemplo vocês dão para esta nossa pobre Humanidade! Vocês emocionam-me muito!

Acho que todos deveriam assistir *O Amor é Contagioso* (quando for lançado em vídeo, vê-lo-ei novamente) e mirar-se nos exemplos do protagonista da história! ■

---

#### INDICAÇÃO DE LEITURA:

1. SOARES, Sylvio Brito – *Vida e Obra de Bezerra de Menezes*, FEB – Departamento Editorial, Rio de Janeiro, 1962, 8<sup>a</sup> edição.
2. ADAMS, Patch. *O Amor é Contagioso*, Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 1999.

Questões acerca da natureza do Espiritismo – V

## As Relações da Ciência Espírita com as Ciências Acadêmicas

SILVIO SENO CHIBENI

Este artigo examina brevemente alguns aspectos das relações entre a ciência espírita e as ciências acadêmicas, destacando-se a esclarecida e firme postura de Allan Kardec a esse respeito <sup>1</sup>.

Questão:

*Na época do surgimento do Espiritismo alguém que se dedicasse à pesquisa dos fenômenos mediúnicos e não se inclinasse a considerá-los como fantasias ou fraudes arriscava-se a cair em descrédito nos meios científicos e acadêmicos. Houve alguma mudança nessa postura? Ainda existe antagonismo entre ciência e espiritualismo? A ciência é necessariamente materialista?*

Resposta:

Existe, como está implícito nas considerações feitas no artigo precedente, um certo grau de conservadorismo na “ciência-comunidade”, e as análises filosóficas contemporâneas reconhecem aí um requisito importante de uma ciência madura. A compreensão desse ponto paradoxal requer estudos especializados. Em alguns artigos sobre a ciência espírita (ver referências bibliográficas) procurei indicar o papel daquilo que o filósofo da ciência Imre Lakatos chamou de “heurística negativa” de uma ciência. Trata-se, de forma simplificada, da decisão metodológica explícita ou tácita dos membros de uma comunidade científica de preservar, tanto quanto possível, o núcleo de leis fundamentais de seu programa científico de pesquisa.

Lakatos argumentou convincentemente que sem essa política conservadora moderada e racional o desenvolvimento científico ficaria inviabilizado. É somente quando condições excepcionais se reúnem, envolvendo o fracasso sistemático do programa de pesquisa em resolver problemas teóricos e de ajuste empírico que o núcleo do programa é revisto ou rejeitado. Na atividade normal da ciência os ajustes e desenvolvimentos teóricos se dão em partes menos centrais da malha teórica, que Lakatos denominou de “cinturão protetor” de leis auxiliares.

Menciono isso para ressaltar que a relutância da comunidade científica em aceitar uma nova teoria sobre o ser humano, como é o caso do Espiritismo, é natural e esperada. Cumpre notar que o Espiritismo trata de coisas que escapam ao domínio das ciências ordinárias, cujo objeto de estudo são os fenômenos e leis pertinentes à matéria. Detenhamo-nos um pouco mais sobre esse ponto.

Um elemento central na análise da ciência é a distinção entre teoria, método e objeto de estudo. As diversas ciências distinguem-se entre si, em primeira instância, por seus objetos de estudo, os conjuntos de fenômenos que investigam. Fenômenos mecânicos, elétricos, magnéticos e nucleares, por exemplo, são do escopo da física; a formação e dissociação de moléculas

constitui objeto de estudo da química; a vida, em muitas de suas expressões, é examinada pela biologia. Existem, naturalmente, pontos de contato, interseções e hibridações entre as ciências, mas isso não dilui a distinção fundamental entre elas.

Ora, dada a diversidade de objetos de estudo, haverá diferenças expressivas nos métodos e características teóricas das várias ciências. A identificação de elementos comuns entre elas é tarefa mais difícil do que à primeira vista parece, constituindo um tópico dos mais importantes da área da filosofia denominada *filosofia da ciência*.

Nos artigos mencionados procurei apresentar alguns traços importantes dessa disciplina, em conexão com o exame do aspecto científico do Espiritismo. Uma tese central neles defendida é que o Espiritismo, tal como estruturado por Allan Kardec, exibe todas as características de uma genuína ciência, à luz da filosofia da ciência contemporânea. Não se deve, porém, confundir o fato de o Espiritismo ser uma ciência com a suposição falsa de que ele é parte das ciências acadêmicas, que tratam de fenômenos referentes à matéria.

No parágrafo 7 da Introdução de *O Livro dos Espíritos* Kardec discorre lucidamente sobre o assunto, de uma perspectiva filosófica bem avançada para sua época, concluindo seguramente que “o Espiritismo não é da alçada da ciência”, isto é, das ciências acadêmicas. Retoma essa análise de forma mais extensa em *O que é o Espiritismo*, onde encontrarmos, por exemplo, este interessante raciocínio no capítulo I, segundo diálogo, seção “Oposição da ciência”:

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode à vontade manipular, os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais.

Os do Espiritismo têm como agentes inteligências que possuem independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos: por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então, ficam fora dos domínios da Ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como o faz com uma pilha voltaica; foi mal sucedida, como devia ser, porque agiu pressupondo uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarrega de ir emendando diariamente, como já fez com tantos outros [...].

As corporações científicas não devem, nem jamais deverão, pronunciar-se nesta questão; ela está tão fora dos limites do seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não; é, pois, um erro tomá-las aqui por juiz.

No primeiro capítulo de *A Gênese*, parágrafo 16, Kardec salienta, a esse propósito, que estudando domínio diferentes e complementares “o Espiritismo e a ciência completam-se reciprocamente”.

A autonomia do Espiritismo com relação às ciências ordinárias parece estar suficientemente demonstrada (não aqui, neste breve resumo, evidentemente, mas nos extensos estudos feitos por Kardec e outros pensadores espíritas). Preocupa a incompleta percepção desse ponto por muitos espíritas em nossos dias, aqueles que pretendem, como dizem, “trazer a ciência para o Espiritismo”. Não se dão conta adequadamente de que o Espiritismo já constitui por si uma ciência independente e vigorosa, e que, ademais, a peculiaridade de seu objeto de estudo torna fora de propósito

qualquer hibridação fundamental com as ciências da matéria. Há, é claro, áreas periféricas de contato, como por exemplo, o estudo das enfermidades psicossomáticas, onde pode e deve haver contribuições mútuas.

Não se deve confundir o que estou dizendo com as justificadas críticas já avançadas por Kardec a pessoas que, em nome da ciência ou não, julgam o Espiritismo sem haver examinado atentamente todos os fatos de que trata, bem como sua estrutura teórica. Isso é inadmissível filosófica e cientificamente. Tal atitude infelizmente continua sendo comum, inclusive nos meios acadêmicos. A especialização que caracteriza a formação científica parece mesmo favorecê-la, como também notou Kardec no referido item de *O Livro dos Espíritos*:

Aquele que se fez especialista prende todas as suas idéias à especialidade que adotou. Tirai-o daí e o vereis sempre desarrazoar, por querer submeter tudo ao mesmo cadinho: consequência da fraqueza humana.

Na pergunta formulada alude-se também à questão mais geral da posição da ciência acerca do *espiritualismo*. Conforme em outras palavras ressaltou Aécio Chagas em alguns de seus artigos mencionados na lista de referências, não faz muito sentido discutir se as ciências acadêmicas, *enquanto conhecimento*, são materialistas ou não. Foram concebidas expressamente para descrever e explicar exclusivamente os fenômenos materiais, não tendo nada a dizer sobre a disputa materialismo *versus* espiritualismo, que gira em torno da questão da existência de algo além da matéria.

Se se pergunta agora se a *comunidade científica acadêmica é materialista ou não*, a questão faz sentido, mas só admite resposta estatística, visto que a convicção pessoal de cada um de seus integrantes acerca desse problema filosófico não constitui critério necessário ou suficiente para a sua admissão na profissão. Parece certo que significativa parcela dos cientistas atuais é materialista, mas isso talvez apenas reflita o padrão geral de crença das sociedades nas quais mais prosperam as ciências, como sugere o Prof. Chagas.

Seja como for, nós espíritas não devemos nos inquietar com isso, como advertiu Kardec ainda no mesmo parágrafo de *O Livro dos Espíritos*, de onde extrairei mais este trecho, para concluir:

O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os cientistas, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita de sua qualidade de cientistas [...]

Quando as crenças espíritas se houverem difundido, quando estiverem aceitas pelas massas humanas [...], com elas se dará com o que tem acontecido com todas as idéias novas que não encontram oposição: os cientistas se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocupar de um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem assunto prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscrevem o conceito, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à Humanidade.

\*\*

No próximo artigo será analisado brevemente o estatuto científico de algumas abordagens recentes de investigação de fenômenos espíritas. ■

---

1. O conteúdo do texto corresponde, com algumas adaptações, a parte de entrevista concedida por mim ao GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo), pioneiro na divulgação do Espiritismo pela Internet. A entrevista foi publicada no Boletim n. 300 (edição extra), que circulou em 7/7/1998, podendo ser encontrado no site do GEAE. Gostaria de agradecer ao GEAE a anuência para o aproveitamento do material nesta série de artigos. Sou especialmente grato aos seus membros Ademir L. Xavier Jr., pela iniciativa da entrevista, e Carlos A. Iglesia Bernardo, por haver reunido as relevantes e oportunas questões.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, A. P. "O que é a Ciência?", *Reformador*, março de 1984, p. 80-83 e 93-95.

- "O Espiritismo na Academia?", *Revista Internacional de Espiritismo*, fevereiro de 1994, p. 20-22 e março de 1994, p. 41-43.

- "A ciência confirma o Espiritismo?", *Reformador*, julho de 1995, p. 208-11.

- Ainda sobre as relações entre as ciências e o Espiritismo. (Submetido para publicação).

CHIBENI, S. S. "Espiritismo e ciência", *Reformador*, maio de 1984, p. 144-47 e 157-59.

- "A excelência metodológica do Espiritismo", *Reformador*, novembro de 1988, p. 328-333, e dezembro de 1988, p. 373-378.

- "Ciência espírita", *Revista Internacional de Espiritismo*, março 1991, p. 45-52.

- "O paradigma espírita", *Reformador*, junho de 1994, p. 176-80.

KARDEC, A. *Le Livre des Esprits*. Paris, Dervy-Livres, s.d. (O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro, 43<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

- *Qu'est-ce que le Spiritisme*, Paris, Dervy-Livres, 1975. (O que é o Espiritismo. s. trad. 25<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

- *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*, Paris, La Diffusion Scientifique, s.d. (A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro, 23<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.)

# A FEB e o Esperanto

## Espíritas no Congresso Universal de Esperanto em Berlim

ISMAEL DE MIRANDA E SILVA

Os 2.712 esperantistas que, de 31 de julho a 7 de agosto de 1999, provenientes de 63 países de todos os continentes, reuniram-se em Berlim, seguiram fielmente a tradição definida e iniciada por Zamenhof nos primeiros congressos universais: praticaram concretamente a fraternidade, pairando acima das múltiplas fronteiras, materiais e espirituais, que separam os homens no mundo. O Esperanto, promovendo a comunicação sem constrangimentos, mais uma vez demonstrou o seu imenso potencial como ponte entre as culturas, laço de união entre os povos, instrumento para a comunicação franca e a divulgação democrática da ciência, antídoto contra discriminações de qualquer espécie.

No terreno puramente lingüístico, o Congresso de Berlim, como todos os demais, confirmou a categórica afirmação do renomado filólogo francês Antoine Meillet (1866-1936), autor, entre outras obras, do livro *Lingüística Histórica e Lingüística Geral*: “**Toda discussão teórica é vã – o Esperanto funcionou!**” Com efeito, o Congresso Universal de Esperanto em Berlim apresentou rica e variada programação da qual podemos destacar, por exemplo as sessões da chamada *Internacia Kongresa Universitato* (Universidade Internacional do Congresso), em que pontificaram esperantistas altamente qualificados, de grande talento, discorrendo em Esperanto sobre: Segurança na comunicação por computadores; Psiquiatria – No limiar do Terceiro Milênio; Poetas românticos na Europa Continental; PCLR-Polimerase-Reação em cadeia: método revolucionário para o diagnóstico da AIDS, entre muitos outros temas.

O tema central do Congresso foi “Globalização – probabilidade de paz?” Uma reflexão sobre o excessivo entusiasmo, sobre uma exagerada euforia mundial diante de tal processo foi sugerida, levando-se em conta questões como as seguintes: a globalização tende a unificar o mundo, mas será que não o uniformizará também? O processo de globalização amplia os contactos interculturais, aumenta o conhecimento de outras culturas, inclinando os homens à compreensão e à aceitação, mas será que o fluxo de informações interculturais é equilibrado? Não estaremos diante de uma “via de mão única”, em que os valores dos mais fortes simplesmente esmagam as demais culturas? Os esperantistas, trabalhadores da primeira hora na questão da mundialização, devemos fazer ouvir a nossa voz nesse debate.

Peças teatrais, concertos, conferências, entre muitos itens do evento, também evidenciaram o valor do Esperanto como instrumento de comunicação internacional e fator de união entre os homens.

\*

Reunimo-nos, os espíritas, de 9h às 10h do dia 6 de agosto, sexta-feira, para tratar do tema “O que é o Espiritismo?”. Sob o patrocínio da Sociedade

Editora F. V. Lorenz, com a colaboração da FEB e da AME – Associação Mundo Espírita -, a reunião atraiu 60 congressistas de diferentes países ao Salão Dietterle, do Centro Internacional de Congressos, desenvolvendo-se dentro da programação habitual: palestras de José Passini e do autor desta notícia, sob a coordenação de Robson Mattos; questões propostas pelos participantes, quando então contamos com o inestimável auxílio de Ursula Grattapaglia; distribuição de 80 exemplares da obra *Kio estas Spiritismo*. (O que é o Espiritismo?), 40 exemplares de *En Ombro Kaj en Lumo* (Na Sombra e na Luz), alguns exemplares de *Antau du mil jaroj...* (Há dois mil anos), impressos com a mensagem de Emmanuel La Misio de Esperanto (A Missão do Esperanto), impressos publicados em Esperanto pelo Conselho Espírita Internacional (Conheça o Espiritismo – Divulgue o Espiritismo), exemplares do Almanako Lorenz e do *Komunikoj*, periódicos da Sociedade Lorenz. Para o trabalho de distribuição contamos com a proverbial boa vontade do casal Cleber e Regina Lemos, cuja dedicação começa no transporte dos livros, do Brasil ao país do Congresso.

O interesse despertado foi de tal ordem que, mesmo após havermos encerrado os trabalhos e liberado o salão para o item subsequente, continuávamos a ser abordados na ante-sala para respondemos a novas perguntas, dentre as quais, pela sua freqüência, destacamos as seguintes: o Espiritismo pode ajudar na melhoria das pessoas, contribuindo para a diminuição da violência? A terapia de vidas passadas pode ajudar o Espiritismo a comprovar a reencarnação? A ambas respondemos afirmativamente, chamando a atenção para o tríplice aspecto da Doutrina, a qual se apóia nos fatos para a solução das grandes questões filosóficas e a justificação da necessidade de se viver a moral do Cristo com vistas à renovação do caráter humano segundo o traçado divino.

Os próximos congressos já estão definidos: de 2000 em Tel-Aviv; de 2001 em Zagreb, na Croácia; de 2002 em Fortaleza, no Brasil. Se Deus o permitir, os espíritas lá estaremos, levando a grande mensagem do Consolador aos *samideanoj* de outras terras.

Finalizemos, meditando sobre este pequeno trecho da mensagem *A Missão do Esperanto*, de Emmanuel: “Sim, o Esperanto é lição de fraternidade. Aprendamo-la, para sondar, na Terra, o pensamento daqueles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo: ‘aprendamo-la’, porque somos também companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejamos o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos na Terra os melhores movimentos de unificação”. ■

\*\*\*

“(...) vindos de todas as partes do mundo, reunindo-nos a cada ano para desfrutar da alegria de ver nossos co-idealistas, apertar-lhes as mãos, aquecer em nosso íntimo, pelo reencontro e pela convivência, o amor e o entusiasmo pela idéia contida no esperantismo”. (L. L. Zamenhof – *Discurso de abertura do 3º Congresso Universal de Esperanto, em Cambridge, 1907*).

# Família – Fonte de Saúde, Sustentação e Equilíbrio do Ser

ELAINE CURTI RAMAZZINI

Quem, nos anos 70 e 80, iria pensar que nosso olhar pós-moderno fosse desviar-se de seu centro de atenção (isto é, nós mesmos) para voltar-se com interesse para essa instituição tão desacreditada – a família?

Nas décadas passadas, cultivamos com fervor o individualismo, o direito pessoal à felicidade (mesmo à custa da felicidade alheia). E eis que esta década nos reapresenta a família como fonte e alicerce de saúde mental.

Muita coisa pode ser dita da família, do ponto de vista social e econômico. Mas, podemos defini-la essencialmente como um sistema de laços emocionais responsável pela formação da estrutura psicológica de cada indivíduo.

É através dos vínculos com as chamadas figuras de apego – mãe, pai ou seus substitutos – que se dá a transmissão de padrões de comunicação, de afeto, de disciplina à criança.

Das principais relações de um bebê, e de uma criança, surge a percepção de si próprio e dos outros, assim como o modo e a capacidade de amar e de interagir com a vida.

Tornamo-nos humanos, enfim, através das interações, na infância, com as primeiras pessoas que amamos. É na família que cada um adquire as bases do comportamento, da identidade sexual, das noções de direitos e deveres e as maneiras de lidar com afetos e emoções (amor, dedicação e também raiva, inveja, ciúmes).

O lar é o lugar onde se vivem as idiosincrasias e características, valores e ideais de cada nação, facilitando o surgimento de um estado permanente de mudanças e aprimoramento.

O lar, portanto, não é só um conjunto de relações entre os seus membros, mas um conjunto de papéis socialmente definidos. A organização da vida em família depende do que a sociedade, através de seus usos e costumes, espera de um pai, de uma mãe, dos filhos e dos demais membros.

O grande estudioso da família M. Andolfi assegura:

“O sistema familiar é uma realidade tridimensional na qual relações familiares passadas manifestam-se no presente, a fim de desenvolver-se no futuro”.

A experiência do homem é determinada pela interação que ocorre entre ele e o seu ambiente, influenciando-o e sendo por ele influenciado.

Ortega y Gasset afirmou certa feita; “Eu sou eu e minhas circunstâncias e, se eu não as preservo, não posso preservar a mim”.

O homem sobrevive em grupos e isto é inerente à condição humana. “O homem não foi feito para viver só” – lecionam os Espíritos do Senhor, em “O Livro dos Espíritos”.

A moderna civilização industrial urbana impõe ao homem duas exigências conflitantes:

1. A capacidade de desenvolver habilidades altamente especializadas; e

2. A capacidade de adaptar-se rapidamente a uma situação sócio-econômica constantemente em mudança.

Segundo os psicólogos, as funções da família atendem aos seguintes objetivos:

- a) Interno – proteção psicossocial de seus membros;
- b) Externo – a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura;
- e
- c) Preenchimento das necessidades amorosas e de ajuda mútua entre adultos. É por isso que é importante o casamento, tanto que, embora com inúmeros senões, ainda não se inventou melhor substituto para ele.

Sob a ótica da Doutrina Espírita, casamento significa reajuste e aprendizado.

Família é, pois, mais do que o resultado de combinações genéticas: significa a soma de lutas e tarefas muitas vezes cruciais, de dores e aflições, bem como a concretização de sonhos, aspirações e conquistas maiores.

Numa visão sistêmica de psicólogos e sociólogos modernos, a família sadia é a que lida com várias verdades possíveis e não com um comportamento em bloco. É necessário haver interesse mútuo sobre como cada um se sente nesse convívio e quais as suas necessidades. Respeitar as individualidades, as características de cada ser faz parte de uma convivência saudável e harmoniosa. Por certo, o comportamento de um membro da constelação familiar estará influenciando o do outro e as alegrias e tristezas familiares irão compor o repertório pessoal de experiências, que será acionado no momento em que as criaturas se relacionarem com outras pessoas e decidirem constituir uma nova família.

Todos sabemos que os hábitos desenvolvidos durante toda a vida física prosseguem na vida espiritual e os hábitos familiares, se alicerçados no apreço, na consideração e no amor, sedimentarão relações seguras que projetarão no campo social mais amplos exemplos de dignidade e respeito, influenciando beneficentemente outros espíritos necessitados de orientação firme para os grandes cometimentos.

Se a família é tão importante para o desenvolvimento infantil, em que consiste educar bem os filhos?

A capacidade de ser bom pai ou boa mãe depende de vários fatores.

*Primeiro:* A tendência instintiva de cuidar da prole, presente em todas as espécies. Supõe-se que é ela que nos faz responder com cuidado à vulnerabilidade e ao desamparo de bebês e crianças.

*Segundo:* As práticas e tradições próprias de cada cultura e época, que ditam estratégias e técnicas adequadas para educar crianças. Décadas atrás, a receita era rigor, respeito e muita disciplina, interpondo grande distância entre direitos e deveres de pais e filhos. Hoje, a ênfase é menor na disciplina e muito maior na flexibilidade das regras. A flexibilidade é tanta que às vezes até caímos no extremo de não ensinar os jovens a lidarem com limites e frustrações necessários para enfrentar a vida.

*Terceiro:* A educação formal e o nível sócio-cultural de cada pai e cada mãe influenciam sua maneira de educar.

*Quarto e talvez o mais importante:* A qualidade de envolvimento emocional dos pais com seus filhos.

Desde que a Humanidade se constituiu e se organizou como sociedade,

vivendo em comum, em experiências coletivas, muito se tem falado sobre educação. Os adultos têm dado possibilidades às gerações novas para que elas se preparem para a vida do porvir. Assim, tem-se ensinado a superar dificuldades e mesmo evitá-las.

Os tempos futuros são sempre diferentes, pois eles se ampliam enriquecidos com um número maior de fatos. A partir dessa experiência dos adultos são dados aos pequenos orientação, direção e sentido necessários.

Se sabemos que educação tem por objeto a realização integral do homem, condição para a sua felicidade, essa realização visa a prepará-lo para as condições do mundo onde vivemos.

A Humanidade tem obtido grandes quotas para realizações no campo da vida comum: tudo aquilo que o homem tem realizado maravilha a imaginação mais antiquada. No entanto, o objetivo básico da educação ainda não foi atingido e não precisamos ir longe para chegar a essa conclusão.

Vivemos num mundo automatizado pelas questões mais variadas: nosso planeta é de expiação e provas e a Humanidade toda se ajusta a problemas dos mais variados gamas. O homem não sabe o caminho a seguir e não sabe o que buscar. Percebemos a infelicidade e a insatisfação em todas as esferas da vida, quer nas classes sociais mais elevadas, quer nas paupérrimas. Todos desejam algo, todos se preocupam com o sentido da vida...

Temos visto que em muitos e muitos séculos a educação tem-se constituído a preocupação da Humanidade. Assim como ela está concebida não tem dado possibilidades ao homem para sobrelevar-se a todas essas situações. E este problema persiste principalmente para nós, Espíritos interessados no problema da renovação humana, que sentimos ser o da renovação espiritual, isto é, modificação de padrões vigentes por padrões novos que, em verdade, são novos porque não tivemos ouvidos para registrar as palavras do Cristo, que deixou um código que soluciona todas as questões humanas.

A educação, para atingir seus objetivos, deverá cuidar da renovação espiritual, ou seja, extinguir o homem velho e construir o homem novo. E, como conseguir isso tudo? Sabemos que tudo é possível através do esforço constante, da perseverança e do bom ânimo incessantes, realizando em todas as horas o domínio para o sentido realizador da vida.

É aí que vamos sentir a finalidade do lar, na realização espiritual de cada ser. O lar é o lugar sagrado que Deus concedeu às criaturas para que elas, aproximando-se e reaproximando-se numa existência comum e limitada, compartilhando dos mesmos problemas, pudessem construir os elos do amor que representam o verdadeiro sentido e significado do Evangelho de Jesus.

Estudos sobre o desenvolvimento psicológico infantil mostram que o bem-estar mental da criança depende de sua segurança afetiva; de quanto ela se percebe amada e pode confiar em caso de necessidade e tem a quem recorrer. A sensibilidade, a receptividade do adulto diante dessa demanda dependem muito de suas próprias experiências na infância. Quem foi bem cuidado e se sentiu amado pelos pais, em geral tem mais facilidade de se dedicar eficientemente aos filhos.

Mas – e isso é muito importante – nem toda criança infeliz e mal-amada está fadada a ser pai ou mãe ineficiente. Quem reflete sobre seus sofrimentos, entende-os e reelabora o que lhe aconteceu é mais capaz de não passar adiante suas más experiências. O perigo está em negar-lhes importância ou em desvalorizar a relevância da necessidade de apoio, afeto e aconchego do ser

humano.

A vida familiar se complica e nos decepciona quando esperamos a perfeição do cônjuge e dos filhos. Casamos com a expectativa de que o outro seja um messias que nos resgate dos sofrimentos passados, de que funcione como a placenta, que nutre automaticamente retirando as toxinas e venenos produzidos no dia-a-dia, e que seja uma espécie de elixir afrodisíaco ou mágico.

Há que se lembrar ainda dos mitos familiares e os dos casais. O que é um mito? O mito é uma história concebida por um povo e que não possui regra, lógica, é o que as pessoas trazem consigo e se perpetua de geração em geração. Há mitos que são a formação de idéias atribuídas à família, são percepções enviesadas de como se organiza e funciona o contexto familiar. Mitos nada mais são do que deformações na maneira de pensar e que ficam maiores pois se conjugam com os mecanismos de defesa.

Há os mitos conjugais, por exemplo: o casamento pode realizar todos os nossos sonhos; bons maridos consertam tudo em casa e as esposas fazem a limpeza; ter um filho melhora o casamento; a competição entre os cônjuges melhora o casamento.

Um membro do casal procura no outro aspectos não desenvolvidos em si mesmo: a esposa exalta a argúcia e o brilhantismo do marido, por exemplo, como se só ele os possuísse.

Mitos familiares que surgiram da resposta a problemas aparentes representam uma visão mágica pelo fato de que algum membro da família é portador de algum problema. Melhor explicando, consideram que um filho rebelde ou doente ou um pai ausente representam o problema da família, porque tentam esconder num só membro os conflitos sérios que se localizam no próprio contexto familiar ou no relacionamento entre seus membros.

Pais que se “enganam”, não admitindo que seus filhos têm problemas físicos ou intelectuais e não os enfrentam para solucioná-los.

Esperamos que nossos filhos acertem onde erramos, que sejam nosso cartão de visitas, nosso orgulho. De preferência, que não dêem trabalho.

Vida familiar sadia exige sacrifício e dedicação. A sensação de amar e ser amado são a melhor vacina contra as angústias da vida.

O Espiritismo nos ensina que a reencarnação é o meio através do qual construímos a nossa evolução espiritual.

É na infância que o ser está mais receptivo para receber as orientações que queiramos passar-lhe.

A influência que o lar exerce sobre os Espíritos reencarnantes é extraordinariamente grande: a partir da concepção, durante a gravidez, a criança já está sofrendo a influência do lar, pelas vibrações do ambiente, pelo tipo de vida cultivado pelos pais.

Um ambiente sadio, harmonioso, dará força para que o espírito se oriente em novas bases. Um lar desajustado, intranquilo, onde o ambiente constante é de revolta ou desarmonia, não propiciará condições favoráveis ao desabrochar das possibilidades mais altas do Espírito reencarnante.

A influência dos pais na transmissão dos hábitos ao recém-nascido e crianças maiores exige cautela pois essa influência é o que constituirá a estrutura de uma nova personalidade. Os filhos em geral são reflexos dos pais e os hábitos cultivados pelos orientadores da criança, no lar, são importantíssimos.

Os Espíritos têm nos orientado acerca da importância dos primeiros anos na formação do caráter e da personalidade da criança. Sabemos, pois, que podemos nos valer desses primeiros anos para imprimir nova direção e reconstruir seu mundo espiritual.

Quanto ao cultivo da fé, quanto ao conhecimento de Deus, parece-nos ter-se constituído esta uma das maiores lacunas na educação no lar. Há uma despreocupação geral neste sentido e, por outro lado, encontramos na criança uma necessidade imensa de Deus, porque ela não recebeu, na época oportuna, aquilo de que mais necessitava. E falar de Deus é o ato mais extraordinário que podemos praticar em nosso lar. Se houver ligação espiritual com os planos superiores da vida, a criança jamais se sentirá desamparada, como sói acontecer com as crianças de nossos dias.

Parece, à maior parte dos pais, que o ideal seria transmitir aos filhos a felicidade já prontinha, como que acondicionada num pacote embrulhado para presente. Felicidade, porém, é algo complexo, é algo que deve ser construído por nós mesmos no viver de todas as horas e para isso é necessário que nos instrumentemos devidamente. Certamente, a educação auxiliará a criança na construção de sua própria vida, mas a vontade, uma das alavancas da vida espiritual e da personalidade humana, as auxiliará sobremaneira na concretização de seus objetivos.

É através da vontade que exercitamos um planejamento de vida e o levamos avante, que realizamos tarefas mínimas de nossa vida, e é através da vontade que vivemos.

A natureza da criança, cujas energias extravasam por todos os poros de vida, podem ser canalizadas para uma boa aplicação, a fim de que haja disciplina e ordem. Se conseguirmos isto, meio caminho estará trilhado para solução dos grandes problemas dos homens.

“O lar – no dizer de Néio Lúcio – é a escola das almas”. É no lar que forjamos as oportunidades de realização, no contato com os parentes, consangüíneos ou não, estreitando os laços afetivos, abrindo o amor a outros.

Por vezes, a vida no lar não será fácil. Haverá as aproximações por reajustes, que trazem sérios problemas para pais e filhos, problemas estes de delicadeza extrema. No entanto, sabemos que essas lutas constituem a tônica do nosso progresso e aprimoramento.

Para que não nos sintamos desamparados, para que não nos falte o arrimo, a confiança necessários, utilizemo-nos das forças emanadas do Alto e que estão à nossa disposição para que façamos uso delas.

O Evangelho no Lar, num dia marcado, é o cultivo do Evangelho no próprio coração das criaturas. Sintonizemo-nos com essa fonte para vencer os obstáculos do caminho.

A fim de conseguirmos a força, a orientação necessárias para a construção de um futuro melhor para nós e para a Humanidade, é necessário termos Jesus por companheiro. ■

# Reflexões Sobre a Morte

MARIA NAZARÉ DE C. LAROCA

Cidadão da eternidade, o homem convive, simultaneamente, com o mundo físico e o espiritual. Durante o sono, verifica-se a separação provisória entre a alma e o corpo. Enquanto este dorme, o Espírito semiliberto, envolto em seu corpo fluídico, ou perispírito, pode adentrar o mundo invisível, em excursão de aprendizagem ou em tarefa de ajuda aos mais necessitados nos dois planos da vida.

Na morte, porém, a libertação é definitiva: a vida, no corpo espiritual, desabrocha intensa e livre, pois “semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual” (Paulo, I Cor. 15:44). Por outro lado, o nascimento na Terra é como uma morte para o Espírito: este é encerrado em um “túmulo de carne”, no dizer de Léon Denis. O mesmo se infere do conselho de Jesus ao homem que queria segui-Lo: “A outro disse: - Segue-me”. “Mas ele disse: - Senhor, permite-me que eu vá primeiro sepultar meu pai”- “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus” (Lucas, 11:59-60).

É evidente que Jesus não censurava a preocupação piedosa do filho: providenciar o sepultamento de seu pai. A lição que se infere dessa passagem evangélica é que a vida real, intensa e bela, é a vida espiritual, natural ao ser; havia, pois, urgência em proclamá-la.

Toda morte é um renascimento: o de spertar da vida em sua plenitude. Assim como morre a feia lagarta para surgir a borboleta multicolor, assim também desagrega-se o invólucro material para libertar o Espírito que, em sua roupagem diáfana, flutua rumo ao verdadeiro lar, em busca de novos compromissos.

No dia de Finados, uma multidão de pessoas comparece aos cemitérios, cumprindo a tradição do culto aos mortos. As necrópoles ficam em festa, numa profusão de flores e velas, com direito à cobertura da mídia. Respeitamos aqueles que assim o fazem; no entanto, somos levados a refletir sobre o fato à luz dos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Não é no silêncio frio das sepulturas que vamos encontrar os nossos entes queridos que partiram. Dos tristes despojos muitas vezes, resta apenas pó. Não raro, os amores por que choramos e vamos procurar no cemitério estão ao nosso lado, velando por nós. Às vezes sofrem e perturbam-se, angustiados com o nosso sofrimento.

Em “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec pergunta: (323) – “ *A visita de uma pessoa a um túmulo causa maior contentamento ao Espírito, cujos despojos corporais aí se encontrem, do que a prece que por ele faça essa pessoa em sua casa?*”

“Aquele que visita um túmulo apenas manifesta, por essa forma, que pensa no Espírito ausente. A visita é a representação exterior de um fato íntimo. Já dissemos que a prece é que santifica o ato da lembrança. Nada importa o lugar, desde que é feita com o coração.”

Convocados pelo pensamento, os finados comparecem ao triste local, em atenção aos seus familiares e amigos que lá se encontram. Tal, porém, poderia ser feito no recesso do lar, quando, em demonstração de saudade e carinho, fosse-lhes oferecida cariciosa vibração de uma prece. ■

# Seara Espírita

## **R. G. DO SUL: CONFRATERNIZAÇÃO DE JUVENTUDES**

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul promoverá nos dias 13 a 15 deste mês, em Porto Alegre, no Centro de Preparação de Oficiais para a Reserva (CPOR), a 22ª Confraternização de Juventudes Espíritas daquele Estado, que reunirá os jovens oriundos dos Departamentos de Infância e Juventude (DIJs) dos 90 Centros Espíritas federados à FERGS. O evento consiste em um encontro com José Raul Teixeira, tendo como enfoque os desafios da Juventude.

\*

## **COLÔMBIA: DIVULGAÇÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA**

A *Confederación Espiritista Colombiana* (CONFECOL) está promovendo uma *Campanha Intensiva de Divulgação da Doutrina Espírita* naquele país, com base nos textos da Campanha de Divulgação do Espiritismo aprovada pelo Conselho Espírita Internacional. A Campanha foi lançada no período de 14 a 22 de agosto deste ano, através da *Federación Espírita del Pacífico*, na cidade de Cali (14, 15 e 16); da *Federación Espírita da Costa Atlantica*, na cidade de Cartagena (17, 18 e 19); e da *Federación Espírita de Cundinamarca*, na cidade de Santafé de Bogotá (20, 21 e 22). Essas atividades foram coordenadas pelo Presidente da CONFECOL, Alvaro Velez Pareja, e contaram com a participação, em palestras e seminários do Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti.

\*

## **BAHIA: IMPRENSA ESPÍRITA E PACTO ÁUREO**

O Dia da Imprensa Espírita e o Cinquentenário do Pacto Áureo foram comemorados pela Federação Espírita do Estado da Bahia em conjunto com as Uniões Distritais Espíritas de Salvador, em festividade realizada no período de 23 a 25 de julho passado, com a participação de Antonio Cesar Perri de Carvalho (SP), que abordou o tema “Pacto Áureo e a Imprensa Espírita”. O painel “O Movimento Espírita e os Meios de Comunicação” foi realizado nos estúdios da SEDA e transmitido durante o programa *Espiritismo Via Satélite*, no domingo 25 de julho, das 10 às 12 horas.

\*

## **USE (SP): SIMPÓSIO SOBRE O MOVIMENTO ESPÍRITA**

Realizou-se no dia 25 de setembro, das 14 às 18 horas, na sede da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, um Simpósio sobre o Movimento Espírita, do qual participaram Isabel Saraiva, de Portugal, e Janet Duncan, da Inglaterra, que falaram acerca do Movimento Espírita em seus países; Antonio Cesar Perri de Carvalho, Presidente da USE, proferiu palestra sobre “50 Anos do Pacto Áureo”, sendo prestada homenagem a Carlos Jordão da Silva e Vinicius.

\*

## **BÉLGICA: MOVIMENTO ESPÍRITA**

A *Union Spirite Belge*, situada em Liège, é a entidade unificadora do Movimento Espírita daquele país, com quatro associações espíritas adesas, existindo ainda vários grupos espíritas que estão sendo atraídos para se unirem. A USB realiza atividades doutrinárias às terças e quintas-feiras e aos domingos, assim como reunião de estudo da mediunidade às quartas-feiras, além de editar a revista trimestral *La Voix Divine* (A Voz Divina).

\*

## **GOIÁS: CONFRATERNIZAÇÃO JUVENIL**

“Jesus, Caminho, Verdade e Vida” é o tema central da Confraternização Espírita Juvenil (CONEJ), que a Federação Espírita do Estado de Goiás e o seu 19<sup>o</sup> Conselho Espírita Regional realizarão em Goiatuba, no Colégio Estadual, de 13 a 15 de novembro corrente.

\*

## **PORTUGAL: DIVULGADORES DE ESPIRITISMO**

Fundou-se no dia 31 de julho, em reunião na cidade de Caldas da Rainha, a ADEP – Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal -, que tem várias tarefas, tais como a criação de uma agência noticiosa e a montagem de um Curso Básico de Espiritismo, através do ensino a distância. Entre seus colaboradores, conta com expressiva quantidade de jovens provenientes de cidades do Norte, do Centro e do Sul do País.

\*

## **BELO HORIZONTE (MG): FEIRA DO LIVRO ESPÍRITA**

Promovida pela União Espírita Mineira e pela Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte, a XVII Feira do Livro Espírita funcionou na Livraria da UEM, no período de 26 de setembro a 3 de outubro, apresentando, todas as noites, palestras com temas sobre o Espiritismo e o Movimento Espírita, assistidas por numeroso público.

\*

## **PARANÁ: RECICLANDO CONHECIMENTO ESPÍRITA**

A Federação Espírita do Paraná está lançando um Projeto de difusão doutrinária com o tema **RECICLANDO CONHECIMENTO ESPÍRITA**, que tem por objetivo trabalhar as bases do conhecimento espírita, de modo a que cada espírita, em cada Casa Espírita, possa familiarizar-se com os conceitos fundamentais da Doutrina que professa. Encontros Inter-Regionais, Regionais e Locais, iniciados a partir de setembro, abordam, em Seminário, na primeira fase do Projeto: I – Trabalho da Codificação; II – O Caráter da Revelação Espírita; III – Os Postulados Espíritas; IV – O Movimento Espírita; e V – O Espírita (*Mundo Espírita*).